

Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente



Ano II - N° 4 - OUT2000

CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA



ASSEGURAMOS A BIODIVERSIDADE

SUMÁRIO



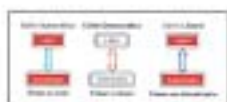
3
Editorial



4
Derrota em
Cao Bang (Indochina)



6
2º BIMec / SFOR II



10
Agr DELTA / KFOR



14
Tipos de Liderança
sua importância dentro das organizações



17
Guerra às Hakeas



19
SITREP



24
Escola Primária do CMSM



25
Jardim de Infância do CMSM

26
Educação Física e Desportos



Dossier
sobre a questão candente
do reequipamento
do Exército



CORRESPONDÊNCIA



COMANDO OPERACIONAL
DAS
FORÇAS TERRESTRES
Comandante

Exmº Senhor

Major-General Jorge Manuel Silvério
M.I. Comandante da B.M.I.
Santa Margarida

Caríssima e amigo

Irei deixar o Comando Operacional das Forças Terrestres, após um ano de exercício de funções, para assumir a Direcção do Instituto de Altos Estudos Militares no próximo dia 11 do corrente mês.

Expresso, por isso, à Brigada Mecanizada Independente e, em particular, ao seu ilustre Comandante, o meu maior apreço pela forma exemplar como esta grande unidade tem respondido às solicitações de natureza operacional e que atesta o elevado profissionalismo de todos quantos servem o país em Santa Margarida.

Foi com natural satisfação que tive sob o meu comando operacional tão importante unidade do nosso sistema de forças, que tanto tem prestigiado o Exército e que, apesar de dificuldades e limitações, continua a ser escola importante e insubstituível da nossa Instituição.

Com os melhores cumprimentos *e a minha estima*

Oeiras, 6 de Julho de 2000

O COMANDANTE

José Alberto Cardeira Rino

JOSÉ ALBERTO CARDEIRA RINO
TENENTE-GENERAL



FICHA TÉCNICA

Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente

DIRECTOR:

Comandante do CMSM/BMI
Major General Jorge Manuel Silvério

REDACÇÃO:

SIIRP/OG/BMI

PROPRIEDADE:
OG/CMSM - 2250 Constância

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Tipografia Papelaria Marques
Rua Direita, 23 • 2140-665 Carregueira

Tiragem: 700 Exemplares

Depósito Legal nº 135479/99

Preço: 500\$00



Editorial

MILITARES E CIVIS DO CMSM E DA BMI

Como referimos na edição anterior, o Ano de 2000 constitui para todos nós um grande desafio, tendo em consideração a Missão que nos foi atribuída no âmbito do aprontamento e sustentação das Forças Nacionais Destacadas no Exterior do Território Nacional e a necessidade de mantermos a "Escola de Conhecimentos" na área blindada e mecanizada.

Aprontámos e destacámos o 2º BIMEC e o Agr DELTA para a Bósnia e Kosovo, os quais nesses Teatros de Operações cumprem com a eficiência e generosidade que é apanágio dos nossos Soldados e procedemos, neste 2º Semestre, à preparação do Agr ECHO que renderá o Agr DELTA no início do ano 2001.

Simultaneamente com a actividade que vimos desenvolvendo na área das Operações de Paz, estamos empenhados na realização de um exercício de postos de comando e do exercício semestral da BMI, no terreno, com os encargos operacionais disponíveis, por forma a mantermos e aperfeiçoarmos o treino operacional da nossa Brigada.

Trata-se de uma missão complexa, mas que é cumprida por Mulheres e Homens que servem devotamente o CMSM, a BMI e o Exército e que, apesar de todas as nossas dificuldades, mantêm de forma exemplar a fidelidade à sua "CONDIÇÃO MILITAR".

Reconheço todo o vosso esforço, noção do dever e da responsabilidade.

Exorto-vos a prosseguir com a mesma determinação e entusiasmo no cumprimento da NOSSA MISSÃO.

Jorge Manuel Silvério
Major General



Derrota em

Cao Bang (Indochina)

É sobejamente conhecida a derrota francesa em Dien-Bien-Phu durante o conflito colonial indochinês (1945-1954).

No entanto como em todos os conflitos este também teve fluxos e refluxos, vitórias e derrotas do contingente francês e do Vietminh que se lhe opunha.

Um dos maiores desastres do Exército Francês ocorreu na cordilheira de CAO BANG em Outubro de 1950.

Antecedentes

Em 1947 o Vietminh retirou as suas forças da região de Viet Bac (Norte do Vietnam, junto da fronteira com a China) pelo que o exército francês fez o mesmo.

Nesta região estava a tornar-se muito difícil forçar o Vietminh a combater, pois este tinha desaparecido nas montanhas, e então o exército transferiu os seus efectivos para os antigos fortes coloniais do norte de Tonquim. Não ocorriam combates e as guarnições consumiam os reabastecimentos sem exercer pressão sobre o inimigo.

Face a esta situação o General Revers propôs que se concentrassem os efectivos nas zonas mais populosas do delta do Rio Vermelho deixando o Vietminh isolado na montanha o que de nada lhe serviria pois veria cortados os seus abastecimentos de arroz, que eram, sempre, provenientes do delta do Rio Vermelho.

O QG do Exército francês não concordou com a proposta e elaborou outra solução táctica: retomar a ofensiva com base em unidades ligeiras de pequeno escalão a partir duma base operacional central.

A contradição foi aparentemente resolvida com a evacuação da maioria dos fortes coloniais do norte do Tonquim, deixando-se no entanto fortes guarnições na cordilheira Cao Bang-Lang So ao longo da estrada colonial nº4 (RC4). As duas guarnições principais eram Cao Bang e Dong Khe com um efectivo menor em That Khe.

O exército francês considerou estes pontos fortes como inexpugnáveis, sendo impossíveis de ser tomados pelo Vietminh.

E aqui estamos em presença do primeiro grande erro dos Franceses. A subestimação do inimigo, erro este que foi uma constante ao longo de todo o conflito Indochinês, e de muitos conflitos coloniais, tornando-se incompreensível para os franceses como pequenos homens agricultores conseguiriam derrotar um exército sustentado pelos mais modernos meios de fazer a guerra.

Mas este erro arrasta outro. A importância das guarnições citadas punha a questão do seu reabastecimento, que pelo seu volume só se podia fazer pela RC4 em grandes colunas com enormes escoltas que consumiam imensos recursos.

Mas, infelizmente para os franceses, o vietminh apercebeu-se da

situação táctica criada e começou a tornar a RC4 intransitável, pois cem mil trabalhadores tinham construído estradas de acesso da fronteira Chinesa à RC4 em simultâneo com depósitos de armamento, de munições e reabastecimento de víveres.

O QG francês não se apercebeu destas alterações como também não se apercebeu que o exército de GIAP estava a ganhar capacidade de combate e estava pronto a passar a fase de guerrilha para o combate convencional.

Desenvolvimento da Batalha

No dia 25 de Maio de 1950 a 308ª Divisão do vietminh apareceu ao longo da RC4, junto a Dong Khe. Após 48 horas de preparação de artilharia e morteiro, quatro batalhões da Divisão lançaram-se ao ataque a coberto do fogo das armas pesadas e a guarnição francesa teve que se retirar.

O QG de Hanói decidiu-se pelo contra-ataque e um batalhão de para-quedistas da reserva foi lançado na área por meio de aviões Junkers. Em

poucas horas Dong Khe foi retomada e o Vietminh expulso e uma coluna de socorro enviada a partir de That Khe já os encontrou no interior da fortaleza.

E aqui dá-se o segundo grande erro tático dos franceses: numa posição de superioridade momentânea deveriam ter aproveitado para evacuar Cao Bang, recolher as forças em Dong Khe continuar para That Khe e refazer o dispositivo mais a sul. No entanto, a vitória inebria e foi decidido reforçar Cao Bang e reconstruir Dong Khe.

A guarnição de Cao Bang era constituída maioritariamente por legionários, força de elite em que o exército francês depositava a máxima confiança, e era comandada pelo Coronel Chartron.

O Vietminh deixou passar a monção e em 18 de Setembro quando a estação das chuvas acabou iniciou a preparação de artilharia em Dong Khe.

A 19 de Setembro mais de metade da guarnição estava morta ou ferida.

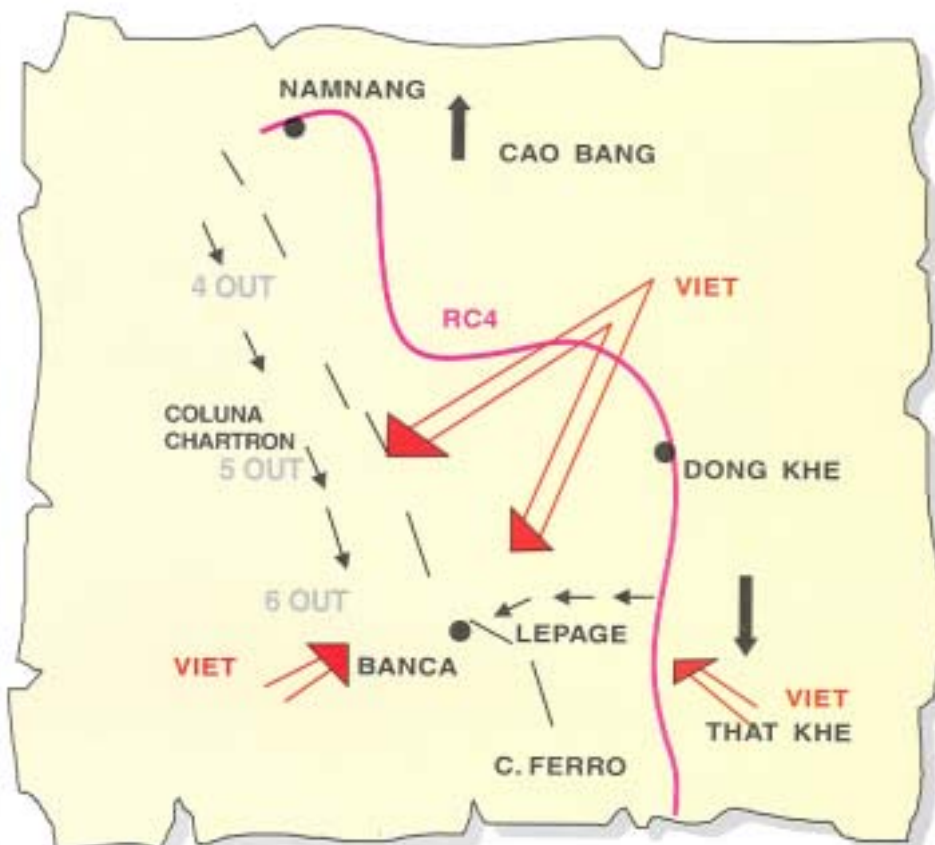
Ao terceiro dia os campos minados que defendiam a posição foram tomados.

Face a esta situação o Comando francês decidiu retirar. Foi desenhada a operação Therese, que tinha sido concebida quando o Vietminh era fraco, pelo que era desajustada à realidade. Constava, esta operação, do envio de uma coluna de reforço sob o Comando do Coronel Lepage que de Sul para Norte deveria atingir um ponto a 30Km de Cao Bang onde se juntaria à guarnição desta, retirando ambas para sul.

Em 15 de Setembro a coluna Lepage, constituída essencialmente por forças marroquinas, partiu de Lang Son mas a missão que lhe foi dada era incompleta... Só foi informado de que deveria avançar na direcção de That Khe pela RC4. Mas os obstáculos diversos ao longo da estrada (minas, abatizes, pontes destruídas, etc.) obrigaram-no a abandonar as viaturas e o equipamento pesado, nomeadamente a artilharia, e continuar a pé.

Em 19 de Setembro atingiu That Khe onde permaneceu até 30 de Setembro, e tendo recebido ordem para atingir Dong Khe, nesta data os seus quatro batalhões iniciam o avanço.

No entanto não conseguiu chegar senão a 750m de Dong Khe e foi obrigado a recuar pelo fogo da artilharia inimiga.



Tentou um envolvimento pela selva mas as suas unidades rapidamente entraram em contacto com as unidades vietminh, tendo sofrido perdas apreciáveis. Face à situação Lepage pediu autorização para retirar, que lhe foi negada. Recebeu então ordem para através da floresta se dirigir para Namnang. No entanto outro recontro com o Vietminh provocou novas baixas significativas.

Entretanto a 3 de Outubro o Coronel Chartron abandonou Cao Bang, após destruição de equipamento, com 2600 homens dos quais mil montanheses. No entanto ao chegar ao lugar combinado, após uma marcha rápida não encontrou a coluna Lepage. Recebeu, então, ordem para abandonar a RC4 e tentar atingir a coluna Lepage junto a Banca, que atingiu em 06 Out. Aí sofre um violento ataque Vietminh durante toda essa noite, que foi repellido.

Na manhã de 07 Out a situação francesa era desesperada.

Assim que os primeiros homens da coluna Lepage começaram a sair da selva para se lhe juntar, o Coronel Chartron ordenou um contra-ataque sobre as posições Vietminh, numa tentativa de diminuir a pressão inimiga mas o número de baixas foi tão elevado que o contra-ataque foi abandonado.

Então pareceu a Chartron que a única solução era tentar alcançar a selva densa e atingir That Khe onde se protegeria.

Mas mal se internou na floresta começou a ser atingido por barragens de artilharia e morteiros a que se seguiram violentos ataques de infantaria. De todas as forças francesas envolvidas somente 23 homens escaparam ao massacre que se seguiu.

Estes acontecimentos foram premonitórios, e o Exército Francês perdeu em seguida o combate pelo delta do Rio Vermelho, a que se foram sucedendo outras derrotas até Dien Bien Phu que foi o enterro final do Corpo Expedicionário Francês na Indochina.

Armando A. G. Borges
Cor Inf^a



2º BIMec

1. Introdução

Este artigo pretende dar a conhecer a forma como decorreu o aprontamento do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado (2º BIMec/SFOR), com vista a complementar os artigos anteriormente publicados na revista ATOLEIROS.

Assim o processo de aprontamento será abordado sob duas vertentes: o Treino operacional e as Actividades Administrativo-Logísticas.

Em Outubro de 1999, o 2º BIMec, recebe a missão de formar o 2º BIMec/SFOR II, para cumprir uma missão como Força Nacional Destacada (FND) no Teatro de Operações (TO) da Bósnia e Herzegovina (BiH), sendo reforçado com 1 Pelotão de Atiradores da Zona Militar da Madeira e outro da Zona Militar dos Açores.

2. Missão

A reorganização do dispositivo da SFOR, concluído no início do ano 2000, implicou a alteração da missão para a FND deixando de ter à sua responsabilidade uma AOR (Area of Responsibility), e passando a integrar a Reserva Operacional (OPRES) da COMSOF.

Missão Restabelecida

O 2º BIMec/SFOR II (PO) constitui a OPRES (Ground) da COMSOF, e prepara-se para à ordem ser empenhado em todo ou em parte, por meios terrestre e/ou aéreos em qualquer parte do TO.

Tarefas

- Patrulhamentos Itinerários, Zona e Área
- Observação, Controlo e Segurança
- Operações de Demonstração de Força
- Guarda e Segurança a Pontos Sensíveis
- Montagem de Postos de Controlo
- Inspeções locais.

3. Organização

O efectivo total é de 323 militares. O material é o existente no TO. Em virtude desta reformulação da missão, o QO de Pessoal foi alterado, com o sentido de aumentar o efectivo às Companhia de Atiradores (CA), constituir um Pelotão de Morteiros Médios, manter a presença do Destacamento de Engenharia e reduzindo claro está a Companhia de Comando e Serviços (CCS), sabendo que o contingente passou a estar concentrado num único Estacionamento, na cidade de VISOKO a 20 Km de SARAJEVO.

4. Treino Operacional

Todo o treino para o aprontamento decorreu no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM).

O programa de treino foi elaborado após a nomeação do Batalhão.

Foi concebido utilizando entre outros os seguintes factores:

- O tipo de missão e consequentes tarefas
- A experiência da anterior participação do 2º BIMoto/SFOR, e outras unidades
- Operações com meios aéreos (Helicópteros)
- Evitar o optimismo exagerado para o cumprimento do calendário, atribuindo períodos para as tarefas Administrativas/Logísticas igualmente importantes no aprontamento.

Foram levantados 210 Objectivos de Aprendizagem, distribuídos pelos 14 blocos de Instrução: Transmissões, Sapadores, Socorismo, Moral Cívica Militar (MCM), Topografia, Engenharia, Operações Aeromoveis, NBO, Educação Física, Tática e Técnica Especialidade, Instrução Individual de Combate, Armamento e Tiro, IOM - OpApoioPaz, e Info e Contra-Informações.

Definiram-se 3 fases para o treino: Nivelamento, ICOL Sec/Pel, e ICOL Comp/Bat.

O caminho a percorrer ao longo das fases traduz-se na formula: do individual para o colectivo, e do simples para o complexo.

Assim a 1ª Fase (Nivelamento), que decorreu de 31 JAN a 25 FEV00, teve como objectivo principal, a padronização dos conhecimentos dos militares, no âmbito da instrução individual. Não esquecer o facto de que as FND são normalmente constituídas com base em militares vindos de diversas unidades, facto que igualmente se registou no 2º BIMec, como mais à frente se poderá observar.

Esta fase foi precedida de uma Escola Preparatória de Quadros (EPQ),



/SFOR II



onde foram traçados objectivos relacionando conceitos teóricos e práticos (experiência operacional recolhida 2ºBIMoto/SFOR) com vista à sua aplicação na execução das técnicas no âmbito das Operações de Apoio à Paz (OAP) e Operações Convencionais. Foi uma actividade fundamental para o lançamento do aprontamento.

A 2ª Fase (ICOL Sec/Pel) que decorreu de 28 FEV a 30 ABR00 a instrução ministrada foi a base fundamental do aprontamento e na qual se procurou consolidar a constituição das Sec/Pel, onde a figura do *instructor* se vai diluindo para dar lugar ao *comandante*, garantindo-se cumulativamente o aparecimento do sentimento de espírito de corpo no Batalhão.

A 3ª Fase (ICOL de Comp/Bat) de 01MAI a 16 JUN00, caracterizou-se pela validação da instrução, que foi obtida pela participação em 3 Exercícios. O primeiro conduzido pelo 2ºBIMec e os restantes pelo QG/BMI. O CITOAP participou na preparação e condução dos Exercícios. O exercício de Aprontamento Final, que decorreu de 03 a 08 JUN00, foi cuidadosamente estruturado por forma a criar um cenário o mais aproximado à realidade vivida no TO. Desde já se pode afirmar que foi amplamente alcançado, sem nunca esquecer o fundamental contributo das forças cenário pertencentes a outras unidades da BMI. Tudo isto pôde, em particular, ser confirmado pelos militares que efectuaram reconhecimentos ao TO de 03 a 23MAI00.

O programa inicial foi cumprido com o maior rigor possível apenas limitado pelas actividades administrativas/logísticas como por exemplo:



Rastreios, vacinações, preenchimento de inquéritos, etc.

Ao longo destas fases foi sendo executado o Programa de Tiro que sofreu as consequências de algumas limitações de carácter logístico, bem como das inúmeras coordenações necessárias para a utilização das carreiras de tiro, do CMSM.

Estágios

A leitura do QO Pessoal bem como a antevisão do seu emprego operacional criou a necessidade em atribuir dupla especialidade a alguns militares e aperfeiçoar tecnicamente alguns especialistas. Segue-se uma listagem exaustiva dos estágios efectuados por

militares do 2ºBIMec/SFOR, que em larga maioria provaram ser bastante úteis, tendo sido igualmente reconhecido o apoio prestado pelas unidades responsáveis por esses estágios. Foram realizados os seguintes estágios: GPS (2 militares), MILAN (10), Carl Gustav (12), Cond Viaturas Pesadas (3), Viaturas Longas (2) Sistema CRONOS (6), VBL200 Chefes Viatura (35), VBL200 Condutores (31), Curso Avançado de Socorrismo (3), Evacuação Aérea (3), Meios Engenharia TO (3), Banhos Higiene CombLub (2), Língua Inglesa (32), Manutenção Viaturas (4), Purificação de Água (2), Controlo de Tumultos (1), Meios de Transmissões (3) e Operador Cripto (1).



5. Aspectos Administrativos/Logísticos

a. Constituição do Batalhão

O 2º BIMEC/SFOR é constituído na sua grande maioria por militares já colocados nesta unidade (aproximadamente 60%, 190 militares).

Foi reforçado com 2 Pelotões de Atiradores (com 30 militares cada), um vindo da Zona Militar da Madeira (ZMM) e outro dos Açores (ZMA), tendo o restante QO sido preenchido na sua quase totalidade com militares de outras unidades da BMI.

b. Material de Apoio para o Aprontamento

Com vista a proporcionar um treino o mais próximo possível com as condições e material principal existente no TO foi solicitado Armamento, Viaturas, Transmissões, "pack" Computadores, e Tendas. Destaca-se o apoio em viaturas tipo UMM ALTER, VBL 200 Chaimite (viaturas existentes no TO), que proporcionaram regulares treinos de condução aos condutores das Companhias, e que se espera serem um contributo

para o aumento da segurança rodoviária. Foi no entanto um apoio que ficou aquém das reais necessidades do Batalhão para treino.

A Dotação Individual de Fardamento (DIF) deverá ser entregue mais cedo possível aos militares, em particular capacete, colete e os suspensórios para o treino de tarefas de Operações de Paz.

c. Apoio prestado pelo Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE)

Foram conduzidas duas mesas redondas, uma com Comandantes

sobre "Liderança", a outra com os militares femininos sobre "lidar com os militares masculinos".

Foram executadas baterias de testes, seguidas de apoio psicológico e acompanhamento de alguns militares.

Decorreram palestras para todos os militares do batalhão, "Lidar com o Stress" e especificamente com os graduados "Lidar com a morte, abstinência sexual e alcoolismo".

Foi efectuado a distribuição das seguintes brochuras e panfletos: "Guia do Soldado contra o Frio", "Da vida: da sua grandeza e dos seus riscos", "Guia do militar para lidar com a separação



Armazéns

César Carvalho & Filhos, Lda.

Papelaria
Artigos de Expediente e de Escritório
Artigos de Limpeza e Higiene
Representações

SEDE E. N. 3 - Km 87 - Apartado 3
Telefs. 249 710 414 / 249 712 062 - Fax 249 710 551
2260 Vila Nova da Barquinha

FIL Rua Arco Carvalhão, 20 - 1.º Esq.
Telef. 21 3888260 T.Móvel
1000 Lisboa 917 236 265



Obras Públicas
Montagens Eléctricas
Telecomunicações
Serviços de Limpeza

António G. Nunes Pereira

Telefs. 239 721 898 • Fax 239 716 275
Telemóvel 965 803 932

Rua da Amizade, 14
FONTE DA TALHA
3030-242 COIMBRA



familiar" e "Lidar com o Stress".

Estas sessões tiveram aparentemente uma boa aceitação no entanto o decorrer do tempo será o real juiz da sua eficiência.

d. Moral e Bem-Estar

Com vista à manutenção de elevada motivação foram desenvolvidas as seguintes actividades:

- A integração dos Pelotões vindos das ZM, levantou a necessidade de criar um plano especial de licenças, proporcionando que durante o aprontamento se deslocassem por três vezes, num período de 10 a 15 dias, às suas ilhas de origem com custos suportados pela Fazenda Nacional.
- Período de licença após fim aprontamento.
- Constituição de um Núcleo de Apoio à Família, a funcionar em Santa Margarida durante a missão.
- Explicação do Plano de licenças a vigorar no TO.
- Campeonatos Internos desportivos.
- Distribuição atempada do camuflado.
- "Briefing às Famílias". O Batalhão realizou um almoço convívio com os familiares dos militares, no dia da "Festa de Santo António do 2º BImec", dia 15 de Junho 2000, data coincidente com o fim do aprontamento. Este evento foi precedido de um "Briefing às

Famílias" apresentado por militares do Batalhão com o objectivo de dar a conhecer o batalhão e permitir-lhes criarem um clima de confiança e desfazerem dúvidas e incertezas sobre a execução da missão. Este programa iniciou-se com uma exposição sobre o TO, as condições existentes no estacionamento em VISOKO (imagens), como foi conduzido o treino e o que lá vamos fazer, a forma de se estabelecer contacto com os militares no TO, a apresentação do Núcleo de Apoio à Família constituída na unidade, e para terminar um filme de 15' abordando o aprontamento e antevisão do cumprimento da missão. Acresce dizer que o filme foi produzido com o apoio do Gabinete Foto-Vídeo do CMSM.

e. Rastreios

Foram efectuados rastreios toxicológicos, bem como médicos por forma a despistar os problemas que afectem o rendimento dos militares. Estes são processos que se prolongam durante todo o aprontamento e que afectam o desenrolar da instrução.

6. Reflexões Finais

Analisando a preparação do 2º BImec e tendo em conta as missões efectuadas lançamos algumas

questões de pertinente reflexão:

(a) Deverão ou não os Planos de Instrução estarem pré-definidos, onde se inclua um pacote de matérias comuns, e um específico para o TO onde a força será destacada.

(b) Tendo em conta o número significativo de militares, em particular as Praças, que já participaram em missões de Apoio à Paz, até que ponto deverá ser ponderada a elaboração de um Plano de Instrução para Veteranos?

(c) Justifica-se ou não a criação de um pacote de material (armamento, viaturas, material DSI, etc.) para apoio à instrução, com vista a minimizar os atrasos nos materiais solicitados e ainda numa perspectiva da manutenção preventiva dos materiais existentes no TO?





Agr DELTA /

As Operações de Apoio à Paz (OAP), também conhecidas pela sua sigla em inglês - PSO (Peace Support Operations), têm vindo nos últimos anos a ocupar quase por completo o espectro das operações militares.

Estas operações enquadram-se no que é normal designar-se, no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), por "não-artigo 5", por oposição ao estabelecido no artigo 5º ("defesa colectiva") do tratado de Washington (criador da Aliança Atlântica).

Portugal participa nestas missões, com carácter regular, há já alguns anos, quer com unidades constituídas quer com pessoal individualizado sob a égide das Nações Unidas (NU) ou da OTAN.

A região oriental do velho continente tem vindo a habituar o Mundo a uma constante inquietação. Constituindo-se numa área do globo onde se confrontam civilizações distintas, os Balcãs representam uma linha de fractura onde facilmente se instalam a destruição, a morte e a desolação.

Assim tem sido desde já há cinco séculos, opondo então sérvios e turcos, assumindo particular violência desde o final da 2ª Guerra Mundial, onde sérvios e albaneses, partilhando o mesmo espaço, o KOSOVO, sempre demonstraram uma grande dificuldade de integração, culminando com os acontecimentos que já na última década, deram origem a um desastre humanitário, de dimensões até então desconhecidas e de consequências imprevisíveis.

É assim que a comunidade internacional empreende uma campanha destinada a impedir a

limpeza étnica e a restaurar a ordem, a paz e a estabilidade no KOSOVO, tal como já o havia feito na Bósnia-Herzegovina.

7 de Agosto de 1999. As primeiras forças portuguesas, participantes na operação "Joint Guardian", cruzam a fronteira entre a Macedónia (FYROM - Former Yugoslav Republic of Macedonia) e a República Federal da Jugoslávia com destino a Klina, uma pequena localidade situada bem no coração do Kosovo.

10 de Agosto de 1999. O Agrupamento BRAVO/BAI/KFOR assume a responsabilidade pela



KFOR

sua área com a missão de restabelecer a ordem num território fustigado pela violência e destruição tendo por companheiras a incerteza, a instabilidade, a dúvida e a desconfiança.

Decorridos seis meses o Agrupamento BRAVO/BAI foi rendido pelo Agrupamento CHARLIE/BLI, que em breve terminará a sua comissão.

A partir de 11Ago00, nova unidade deverá assumir a responsabilidade pela área atribuída ao contingente português.

Para o efeito, coube à Brigada Mecanizada Independente organizar uma unidade para render o Agrupamento CHARLIE/BLI/KFOR, presentemente em missão no Teatro de Operações do Kosovo.

O Regimento de Cavalaria n.º 4 recebeu a missão de constituir esta unidade, recebendo a designação de Agr DELTA/BMI/KFOR, com a seguinte composição:

- Comando e Secção de Comando;
- Esquadrão de Comando e Serviços;
- Companhia de Atiradores Mecanizada (proveniente do 1ºBIMec/BMI);
- Esquadrão de Reconhecimento;

Preenchem esta unidade militares de mais de 30 Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército num total de 295 (30 Oficiais, 74 Sargentos e 191 Praças).



A concentração iniciou-se em 17Jan00 após o que se principiou a instrução e treino com vista ao futuro emprego operacional.

Tendo como orientações gerais:

- a natureza da operação;
- as características da Área de Operações;
- as características, possibilidades e "modus operandi" das facções em presença;
- o tempo disponível para a preparação;
- o tipo de missões a desempenhar, no quadro das directivas e determinações superiores,

e com a intenção de:

- conferir à Instrução e ao Treino Operacional o máximo rigor, realismo e dureza, sempre no estrito cumprimento das normas de segurança em vigor;
- praticar, até normalizar, automatizando/rotinando, os procedimentos de conduta operacional e as Regras Empenhamento (ROE - Rules of Engagement), estabelecidas para esta operação e descritas no OPLAN 10413 do SACEUR,

de modo a preparar a Unidade para:

- a execução de tarefas específicas das Operações de Apoio à Paz (OAP);
- bem como as decorrentes das operações "artigo 5º",

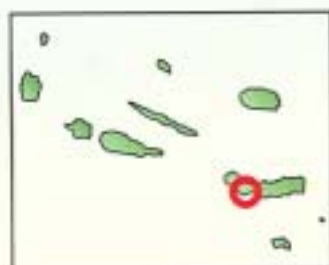
procuraram-se antecipar todos os cenários possíveis, para o emprego da força no TO. Com base nesse esforço, delineou-se um plano de Instrução e Treino faseado, incorporando as diferentes valências necessárias a possibilitar uma resposta cabal às prováveis situações operacionais e administrativas, com as quais o Agr se poderia deparar no KOSOVO.

A primeira fase (24Jan00 a 18Fev00) teve por objectivo principal "nivelar" a instrução de carácter individual de modo a garantir um grau de proficiência mínimo que permitisse passar às fases subsequentes.

A segunda fase (21Fev a 07Mai00) permitiu desenvolver actividades de Instrução Colectiva e Treino Operacional de nível Secção e Pelotão. Para além disto foi ministrada instrução de Combate em Áreas Edificadas (CAE) e de Controlo de Tumultos (CT).



RC4	1ºBIMec	BMI	Outras
127	73	50	38



Desta fase da instrução destacam-se três exercícios.

O exercício TURBA que decorreu no "compound" do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, orientado para o Controlo de Tumultos, onde, com a excelente colaboração do Batalhão Operacional do Regimento de Infantaria da Guarda Nacional Republicana, se simularam várias situações deste âmbito, dada a cada vez maior relevância que esta temática assume neste tipo de missões.

O exercício CAMÕES, vocacionado para as operações conduzidas em ambiente urbano, decorreu em duas etapas (uma subunidade de manobra de cada vez) na Tapada Militar de Mafra, especificamente nas infra-estruturas da Aldeia de Camões.

Por último, o exercício ARCO 001, da responsabilidade de Brigada Mecanizada Independente (BMI), onde o Agrupamento foi sujeito à segunda parte de uma Inspeção Geral Extraordinária, tendo o Agrupamento desenvolvido as

normais tarefas operacionais, de nível Secção e Pelotão.

Ainda durante esta fase deslocaram-se ao TO 3 oficiais do Agrupamento (Cmdt, S3 e S4) para efectuarem o reconhecimento da área de responsabilidade da FND portuguesa.

Na terceira e última fase (08Mai até à data de embarque) o objectivo proposto consistia em desenvolver actividades de Instrução Colectiva e

Treino Operacional de nível Companhia/Esquadrão e Agrupamento culminando com a realização do exercício final, denominado PEGASUS, fazendo alusão ao nome por que é conhecido o Agrupamento português no TO e onde se pretendeu recriar o mais fielmente possível o dia-a-dia da missão.

Refira-se ainda que, ao longo de todo o período de aprontamento, a Educação Física e o Tiro foram uma constante, tendo também sido difundida, aos Quadros e Tropas do Agrupamento, toda a informação disponível e relevante relacionada com a missão. No decurso dos exercícios, foi tomando corpo a necessidade de fazer face a "novas" áreas, nomeadamente as:

- Operações Psicológicas (Psychological Operations - PsyOps);
- Operações de Informações (Information Operations - InfoOps);
- Informação Pública (Public Information - PI).

Esta necessidade, posteriormente corroborada durante o reconhecimento, e o facto de o Agrupamento não dispor organicamente de pessoal especificamente dedicado a estas áreas, conduziu à rearticulação do estado-maior.

Assim reorientou-se a prioridade de um dos dois Oficiais de Ligação para lidar com estes temas.



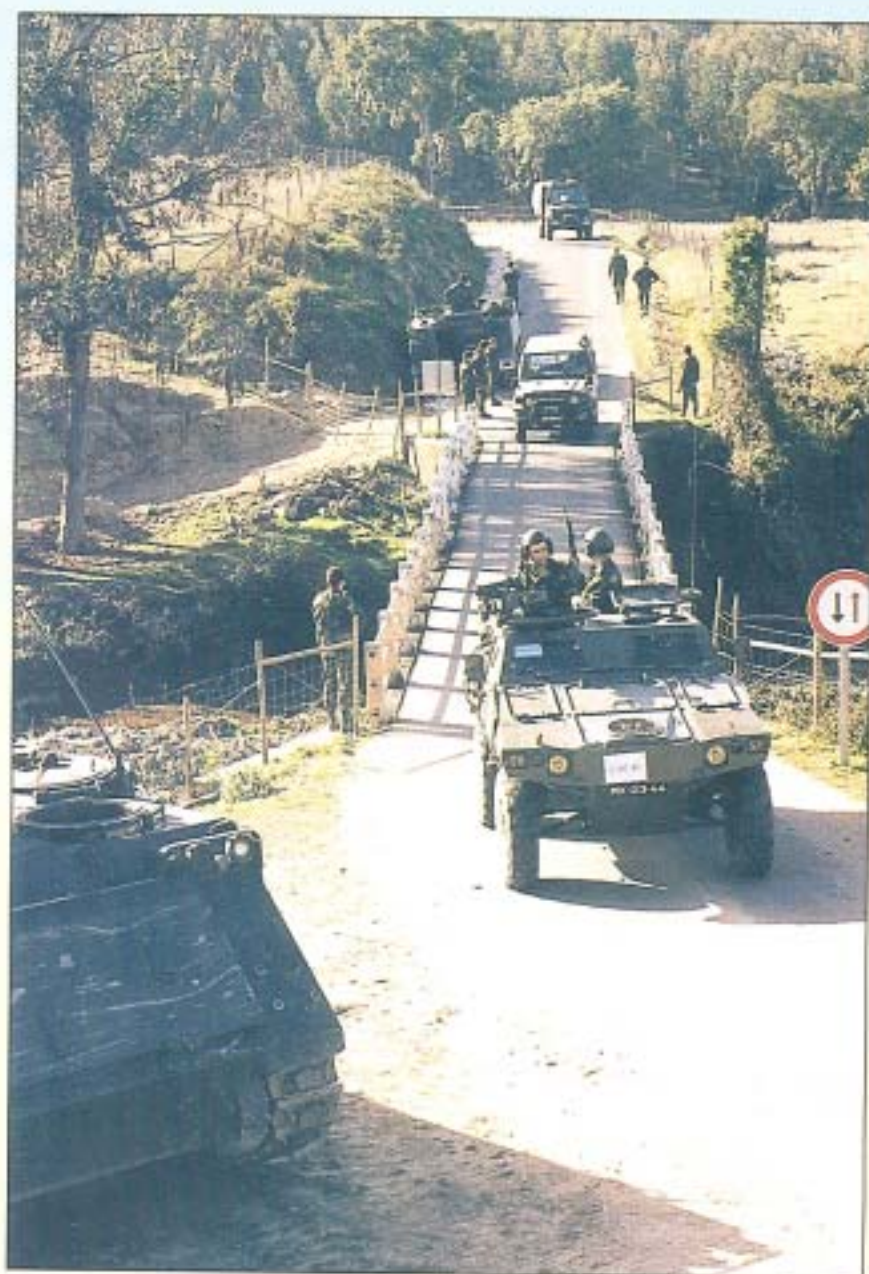
O Espírito de Corpo e a coesão foram-se construindo ao longo do tempo e para o reforçar levou-se a efeito, após o exercício PEGASUS, o "Dia das Famílias", onde se procurou, através de um convívio, dar a conhecer aos familiares e amigos dos militares o que somos, a forma como decorreu o aprontamento e o que iremos fazer e como iremos viver durante a nossa comissão no Kosovo.

O Agrupamento DELTA materializa efectivamente o conceito de UNIDADE, e não o mero resultado de um somatório de militares de diversas proveniências.

A exteriorização deste sentimento está bem patente nas Armas do Agr.

A peça central, o TRIÂNGULO, alude de modo "falante" à designação da Unidade: DELTA, e é o símbolo da estabilidade, do equilíbrio e da harmonia. A ESPADA antiga simboliza a capacidade do emprego da força e simultaneamente a justeza e imparcialidade na conduta.

Muitas foram as U/E/O que com a sua experiência, competência e camaradagem nos ajudaram durante a nossa preparação, em particular as pertencentes à BMI. Para todos a nossa gratidão e o nosso reconhecimento.



Fundada em 1977

Sociedade Industrial e Comercial
de Produtos Químicos, Lda.

Telefs. 224 895 624 / 224 897 786 • Fax 224 803 256

Produtos de Higiene-Limpeza e Manutenção Industrial
Detergentes Industriais e Domésticos • Desinfectantes • Decapantes
Desoxidantes • Shampoos • Sabões Líquidos
Aditivos para cimento • Desincrustantes • Agro Pecuária • Tratamento de Piscinas

Aplicação de Doseadores
para Máquinas de Loiça e Roupas

Rua da Seara, 115-123 • Apart. 57
4436 **RIO TINTO** CODEX
LISBOA: Telef. e Fax 213 561 921



Tipos de Liderança

sua importância dentro das organizações

Ao abordar este tema, importa começar por definir o que é LIDERANÇA.

Muito sinteticamente Liderança será o uso adequado de determinados factores, e incentivos que aplicados no lugar certo e momento certo, promovem a satisfação e motivação para o desempenho dentro das Organizações.

O verdadeiro LÍDER deve saber contagiar e motivar de forma a levar a bom termo os objectivos propostos, desta forma LIDERANÇA será um processo interpessoal, através do qual o Comandante/Líder influencia os seus subordinados de forma a mantê-los motivados no dia a dia dentro das Unidades.

A arte de Liderar é um fenómeno social pois ocorre dentro de determinado grupo.

Já dizia **Napoleão Bonaparte**, "*Não há maus Regimentos, há apenas maus Coronéis*", a determinada fase da sua vida **Carlyle** afirmava "*A história do mundo não passa da biografia dos grandes homens*" (Esses sim eram os Líderes).

O líder deve possuir características pessoais que impressionem os que os rodeiam, e os leve a segui-los por instinto, devem essencialmente ser pessoas dotadas de grande inteligência, com grande poder de autodomínio e sentido de responsabilidade.

No nosso caso concreto da organização militar este aspecto deve ser a principal característica de qualquer Comandante desde a Secção até ao mais alto escalão. Sobre eles além das tarefas de Planear, Dirigir e Controlar recaem os olhares atentos de todos os que os seguem, embora a arte de Dirigir/Liderar seja aquela que mais toca as pessoas.

Devemos distinguir LÍDER de COMANDANTE, pois um COMANDANTE será sempre um bom LÍDER, mas nem sempre um bom LÍDER será um bom COMANDANTE, isto porque o verdadeiro Comandante/Líder, só por si ou porque tem qualidades inatas para o papel de líder, ou tem flexibilidade suficiente para a qualquer momento dentro da organização adoptar o padrão de liderança que melhor se adapte aos vários grupos de trabalho de forma a conseguir atingir os objectivos pré estabelecidos isto levá-lo ao cumprimento da Missão.

A arte de comandar é mais abrangente que liderar, pois o factor liderança será uma peça importante no desempenho da função de qualquer comandante, pois o comandante além de saber liderar, motivar também desempenha um papel importantíssimo no aspecto disciplinar e não há liderança que resista se o factor motivação e disciplina estiver ausente, só com disciplina, respeito e muita confiança por parte dos subordinados fazem do Líder um Comandante.

Senão vejamos o caso dos "Comandantes" das milícias que defen-

dem a integração de **TIMOR LESTE** na Indonésia, não há dúvidas que são Líderes, pois conseguem arrastar multidões, não está em causa qual o tipo de liderança, mas eles, levam grupos a segui-los e a desenvolver determinadas acções, esta acção só por si serve para identificar a presença de um bom Líder, mas com o mesmo exemplo também se conclui que nunca estes homens, serão bons comandantes, pois a componente **Disciplinar** e o bom senso está ausente no dia a dia destes grupos.

Os líderes estão presentes não apenas no campo institucional mas sim a todos os níveis dentro das organizações, importa ainda distinguir liderança como qualidade pessoal (*Todo o conjunto de características pessoais que fazem do ser humano um líder*), e liderança como função (*Decorre da distribuição de autoridade e da tomada de decisões dentro da organização*).

O grau em que determinada pessoa demonstra qualidades de líder, depende não só das suas características natas mas das características do ambiente que rodeia a organização em que se insere.



Tipos de Liderança

Neste tipo de análise deve-se levar em linha de conta o comportamento do líder relativamente aos seus seguidores/subordinados pela forma como orienta a sua conduta.

Kurt Lewin em 1939 fizera um estudo para verificar o impacto causado pelos diferentes tipos de liderança em meninos de dez anos, dirigido para a execução das tarefas. Os meninos foram divididos em quatro grupos e, de seis em seis semanas, a direcção de cada grupo era desenvolvida por líderes que utilizavam três estilos diferentes: A liderança autocrática, a liderança liberal (*laissez-faire*) e a liderança Democrática.

Esta experiência teve grande repercussão no Estados Unidos pelo comportamento das crianças, uma vez que os comportamentos eram diferentes consoante o tipo de liderança adoptado.

Liderança Autocrática:

O comportamento das crianças mostrou haver uma grande tensão e grande frustração bem como uma maior agressividade, quase não havia espontaneidade nem se formavam grandes amizades. Não mostravam grande satisfação naquilo que faziam embora as tarefas fossem sendo desempenhadas mas sempre na presença do líder, notou-se grande agressividade e indisciplina.

Liderança Liberal:

Com este tipo de liderança notava-se grande intensidade no desempenho das tarefas embora a produção fosse medíocre, perdiam tempo com discussões mais pessoais que relacionadas com o desempenho das tarefas, mostrou pouco espírito de grupo bastante individualismo e pouco respeito pelo líder.

Liderança Democrática:

Formaram-se grupos de amizade e de relacionamento cordiais entre os membros do grupo.

Líder e subordinados passam a desenvolver comunicações espontâneas, francas e cordiais, o trabalho era suave, seguro e sem grandes alterações e na ausência do líder havia grande sentido de responsabilidade e comprometimento pessoal.

A partir desta experiência passou-se a defender um tipo de **liderança democrática** bastante comunicativo que incentiva à participação nas tarefas pois não se preocupava exclusivamente com o trabalho mas também com o aspecto pessoal.

Na prática o líder utiliza em diferentes circunstâncias os três estilos de liderança consoante a situação e perante determinado grupo de pessoas, o líder tanto dá ordens, como consulta ou sugere, aqui cabe ao líder decidir para cada caso concreto o diferente tipo de liderança pois cada pessoa é uma pessoa e não há uma regra rígida para grupos de pessoas diferentes, é perante estas situações que se revelam os bons líderes e os líderes.

Outra forma de abordar a liderança é a abordagem situacional da liderança que nos transporta para um conjunto de padrões de comportamento que o líder pode escolher, na presença dos seus subordinados. Todo o tipo de comportamento está relacionado com o nível de autoridade adoptado pelo líder bem como o grau de liberdade que se dispõe para os inferiores na tomada de decisões a isto chama-se **LIDERANÇA CONTÍNUA**.

Seria interessante que cada Líder reflectisse sobre o seu tipo de Liderança, visando fortalecer o espírito do grupo, e desempenho do mesmo, a partir desse momento o Líder sabe melhor que ninguém a forma mais correcta de abordar o grupo com quem trabalha e desta forma conseguir liderar na senda da Excelência.

No gráfico acima representado, reparamos que do lado esquerdo do gráfico, o Líder mantém sempre um elevado controlo sobre os subordinados, enquanto que no lado direito, se nota grande liberdade por parte dos subordinados.

Nenhum dos extremos é absoluto, pois a liberdade e autoridade nunca são limitadas, é o comandante que tem por tarefa, escolher o padrão de liderança a desenvolver relativamente aos subordinados, sem nunca esquecer que deve levar em linha de conta com três factores chave importantes: 1º Força do Comandante/Líder (personalidade e convicções) - 2º Força nos subordinados (sua experiência, personalidade e cultura) - 3º Forças de situação (tipo de tarefa).

Contudo não existem regras definidas para se liderar pois este processo é um processo natural que deve ser adoptado pelo Líder perante situações várias ou grupos de pessoas distintos, no fundo o que importa é que as missões sejam cumpridas com êxito e os objectivos sejam atingidos sempre com o máximo empenho e dedicação.

No caso concreto da Instituição Militar, o tipo de Liderança tem de ser muito forte, motivadora e ao mesmo tempo disciplinadora; é impensável por exemplo um tipo de liderança democrática ou liberal, tem de se fazer sentir o pulso do Líder, pois o papel do Líder/Comandante é fundamental no futuro êxito das missões atribuídas às unidades pois a unidade será sempre a imagem do Líder que a comanda.

Perante isto, somos levados a concluir que: **Liderar é fácil, Comandar é mais difícil.**

Carlos Manuel Soares Alves
1º Sar Inf / 1º BImec

BIOGRAFIA

- Hampton, David R.
Administração Contemporânea
- Chiavenato, Idalberto
Administração, Teoria, Processo e Prática
- Apontamentos de ICS



MAXICÓPIA

Equipamentos Escritório, Lda.

Telef. 249 310 410 • Fax 249 310 411
Av. D. Nuno Álvares Pereira, 21B • 2304-909 TOMAR
E-mail: maxicopia@mail.telepac.pt

XEROX
Concessionário



CERTIFICADO
N.º 1612/P-216
INSTITUTO
PORTUGUÊS DA
QUALIDADE

Shell Portuguesa
Área de negócio do gás

**Conte com
Shell GAS
para dar
outra energia
ao seu negócio.**

Garantia e disponibilidade permanente de fornecimento e um serviço nacional de distribuição e assistência técnica, são alguns dos pontos quentes do serviço integrado que Shell GAS oferece a todos os seus Clientes.

Líder mundial em GPL (Gás Petróleo Liquefeito) e única certificada pelo Instituto Português da Qualidade segundo a NP EN 29 002 (ISO 9002), Shell GAS é uma opção de confiança que o vai ajudar a dar outra energia ao seu negócio.



**Shell
GAS**



Guerra às Hakeas

O Campo Militar de Santa Margarida, ocupa uma área de 64 km² do planalto do Pliocénio, que em parte é circunscrito pelo rio Tejo e sulcado na sua periferia por vales e ravinas. Este planalto abre-se na parte meridional e periférica sobre uma zona de relevo suave, coberta por extensos montados, encontrando-se também áreas com eucalipto, pinheiro e oliveira.

O relevo é sulcado por vales pouco profundos, onde ocorrem ribeiras permanentes e temporárias. Quando as condições de encharcamento são favoráveis, forma-se um sistema de lagoas temporárias, de dimensão e profundidade variadas, o que se traduz numa multiplicidade de ambientes húmidos que favorecem a coexistência de várias espécies animais e vegetais.

Todas as espécies e habitats desta zona, constituem sem excepção alvos de estratégias de conservação e preservação. As actividades humanas no mundo sócio-económico actual e as actividades militares que condicionam o pleno desenvolvimento dos ecossistemas, biotópos e processos naturais, podem integrar também, funções de conservação biológica e ecológica.

In "Prémio de Defesa Nacional e O Ambiente 1998".
Actividades desenvolvidas pelo CMSM.

O Campo Militar de Santa Margarida tem por finalidade principal a instrução e o treino de militares, através de exercícios e fogos reais nacionais por tropas portuguesas e estrangeiras.

O comando do CMSM/BMI, no âmbito das suas atribuições e das directivas superiores do Exército, tem envidado esforços permanentes no sentido de manter o equilíbrio ecológico, minimizando ao máximo os efeitos resultantes da acção dos militares e civis presentes no Campo, sobre os solos, a fauna e a flora.

A presença de espécies infestantes contraria o princípio da biodiversidade da fauna e da flora.

Identificação do Problema

Foram detectadas grandes manchas descontinuas de salinas (*Hakea sericea*) numa faixa com uma extensão aproximada de 12 km de comprimento e 2 a 3 km de largura, com uma orientação predominantemente Noroeste. Verificam-se descontinuidades nas áreas plantadas ou semeadas e nas zonas onde os solos são mais ricos e/ou húmidos. Existem muitas centenas de hectares onde a densidade é de tal modo elevada que se tornaram tufo impenetráveis, chegando a atingir 50 pés/m² (500.000 por hectare) no 1º ano, após a germinação das sementes. Nas zonas de eucaliptais, há tendência para o seu rápido aparecimento. Embora a sua reprodução seja essencialmente por semente, também pode ser por estaca. As sementes propagam-se pelo vento e tendem a concentrar-se junto a zonas que oferecem uma barreira natural (elevações, montados, eucaliptais, pinhais). Os incêndios são grandes causadores da sua rápida difusão porque libertam as sementes das cápsulas protectoras (quando a temperatura atinge 125º), dispersando-as através das correntes de ar quente.

Este arbusto espinhoso foi considerado uma "espécie subspontânea e invasora no Campo Militar de Santa Margarida" em Maio de 1999 por D. Espírito Santo e P. Arsénio & P. La-Grange.

Não se sabe exactamente quando come-

çaram a aparecer as Salinas no Campo Militar; provavelmente, há mais de 30 anos. No exterior do CMSM existem também zonas de hakeas mais ou menos controladas. Praticamente, toda a área do Campo está afectada.

Foi feito um levantamento das áreas com maior densidade através de identificação "in loco" da infestante, sendo utilizado um método baseado em estimativa por hectare.

No sentido de avaliar qual a situação actual da área rústica, em relação a infestantes, foi efectuado um levantamento abrangendo cerca de 2000 hectares.

Foram determinados os seguintes valores em relação às principais infestantes existentes no CMSM:

- A Salinas (*Hakea sericea*) representam aproximadamente 90% da população de infestantes;
- As Acácias, as Mimosas e outras (pequenas áreas muito limitadas) <2%

Foram utilizadas como base de trabalho as Cartas militares 1/25.000 nº330, 331, 342 e 343 e foi elaborado um mapa à escala com a representação das densidades. Apuraram-se várias densidades, desde 1000 por ha na zona do Δ Rapazes a >25000 na Zona de alvos de Carros de Combate. A estimativa global, por defeito, aponta para mais de 21 milhões de pés de hakeas existentes em todo campo.

Em 1999 a Sec Agro Florestal/CMSM incluiu o combate às hakeas nas suas tarefas prioritárias. A medida que as zonas vão sendo limpas de hakeas, estas mesmas áreas são integradas no plano de reforestação do CMSM ou utilizadas para a produção de cereais (apoio alimentar às espécies cinegéticas do CMSM).

Objectivos

Erradicar, num prazo de 5 anos, as grandes e densas manchas de Salinas (*Hakea sericea*) existentes (representando aproximadamente 25% da área rústica total) no eixo Noroeste do Campo Militar de Santa Margarida.



Se não houver um Plano Director da utilização dos solos, dentro de 20 ou 30 anos o Campo Militar estará numa situação catastrófica, a nível de ecossistemas, avifauna, flora e área para treinos. Os custos por hectare de "hakeas" reflorestado estimam-se em 100.000\$00. No ano passado foram reflorestados 300 hectares. Neste momento, só está intervencionada 20% da área infestada. Será necessário investir, por ano, cerca de, pelo menos, 26.000.000\$00, sob a forma de subsídios ou não.

Ensaio de técnicas

Definiram-se quatro fases, em dois anos consecutivos, ou seja, duas fases por ano, a considerar:

- na 1ª fase (1º ano), a técnica consiste em proceder ao arranque das hakeas com subsolador florestal, utilizando, para tal, duas passagens com o tractor de lagartas;
- na 2ª fase (1º ano), dever-se-á enterrar e arrancar com grade (gradagem), servindo-se de uma a três passagens com o tractor;
- na 3ª fase (2º ano), o terreno será gradado e lavrado através de duas passagens com o tractor;
- na 4ª e última fase (2º ano), plantar-se-á, com pinheiros mansos, sobreiros ou freixos, ou semear-se-á o terreno, com aveia, cevada ou centeio, utilizando uma passagem do tractor com semeador.

Impacte na comunidade

A presença de infestantes na área agro-florestal do CMSM condiciona ou impossibilita (nas zonas mais densas) os movimentos de Pessoal e Material. As áreas mais problemáticas são as zonas de alta densidade de Hakeas.

As hakeas adultas, quando em densidade igual ou superior a 50.000/ha, constituem uma barreira impenetrável, o que impede o acesso às zonas infestadas, não possibilitando qualquer acção de reflorestação, poda, limpeza de matas ou delimitação de áreas de não-propagação de incêndios.

Síntese das acções para erradicação de Hakeas

- O arranque mecânico de todos os pés;
- A remoção total das sementes;
- A prevenção dos incêndios (vectores de propagação das sementes);
- A plantação ou sementeira de plantas adequadas às características do solo (espécies autóctones) nas áreas limpas de hakeas;
- O arranque manual ou mecânico sempre que se detectem pés isolados em áreas já tratadas (sementes ou raízes que ficaram muito enterradas);

Hakea Senicea (Zona a Este da Lagoa de Cima/CMSM):
- Uma das 140 espécies originárias da Austrália. Arbusto ramoso, que pode atingir 3m de altura, de casca acinzentada, de folhas aciculares e picantes, roliças, com 2,5-8cm de comprimento, com flores branco amareladas a rosado pálido. Floresce no Outono/Inverno. (Adaptado de D. Espírito Santo & P. Arsenio. O género *Hakea* Schrad em Portugal), in 1º Encontro sobre invasoras lenhosas, 16 a 18/11/99, Gerês.

- A difusão de informação relativamente ao perigo que constitui a sua plantação ou sementeira.

Conclusões

Um dos inimigos da flora, da fauna e dos solos da área rústica do CMSM está identificado. A nossa missão é destruí-lo, procurando soluções que contribuam para um melhor equilíbrio do ecossistema do nosso precioso e belo Campo (de Instrução) Militar de Santa Margarida.

Os problemas ambientais podem estar ou não dependentes da acção do Homem, mas as soluções só são possíveis quando nós tomamos consciência da sua existência e agimos.

Termino, citando o Professor Soromenho-Marques da Universidade de Lisboa quando afirma:

*"É hoje uma convicção generalizada que o Século XXI será essencialmente o século do ambiente, de tal modo se adensaram e agravaram os sintomas de uma crise ambiental global, com consequências sociais, económicas, políticas e militares fortemente perturbadoras da ordem interna dos Estados e dos equilíbrios de força na cena internacional".*²

No final de 1999 foi dado início à implantação do Gabinete do Núcleo de Coordenação e Protecção Ambiental/CMSM.

Colabore! Está na hora de todos contribuímos para um ambiente melhor e para um campo livre de Hakeas!..

Major SGE José F. Esteves Fernandes
NCP Ambn / CMSM

Fotografia: SIIRP / BML, Jan2000

¹ In 1º Encontro sobre invasoras lenhosas, 16 a 18/11/99, Gerês

² Soromenho-Marques, Viriato, Batalhas pelo Desenvolvimento Sustentável, in Revista O Mundo em Português, nº4, Janeiro 2000, pag.33



**20 anos
sempre
com o mesmo
objectivo:
dignificar
os nossos
clientes
com a
qualidade
dos nossos
serviços**



**TIPOGRAFIA
PAPELARIA
MARQUES**

Artes Gráficas

Telef. 249 740 250
Fax 249 740 379
e-mail tip.marques@mail.pt

Rua Direita, 23
2140-665 CARREGUEIRA
CHAMUSCA / RIBATEJO



SITREP

Visita do CEMGFA de Espanha



O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Espanha, General Santiago Valaderas, efectuou uma visita ao Campo Militar, em 27 de Janeiro.



Visita do CEME de Espanha

Em 1 de Fevereiro o Chefe do Estado-Maior do Exército de Espanha, General Santayana Coloma, visitou o Campo Militar.

Visita do Curso de Estado-Maior

Em 17 de Maio o Curso de Estado-Maior visitou o Campo Militar de Santa Margarida e a Brigada Mecanizada Independente.

Visita de Parlamentares da Assembleia da União Europeia Ocidental



Vinte e cinco membros da Assembleia da União Europeia Ocidental efectuaram, em 19 de Maio, uma visita ao Campo Militar. Após um Briefing sobre a Brigada tiveram oportunidade de assistir à apresentação do Agrupamento DELTA/KFOR.

Comunhão Pascal

Presidida pelo Vigário geral Castrense, D. Januário Torgal Ferreira, realizou-se na Capela do Campo Militar, em 18 de Abril, a Celebração Pascal.





Juramento de Bandeira do 1º T/00 - B

Em cerimónia realizada em 11 de Fevereiro sob a presidência do Major General Comandante do Campo Militar e da Brigada, cerca de 200 Soldados Recrutados do 1º Turno de 2000, Grupo B, efectuaram o seu Juramento de Bandeira.

Juramento de Bandeira do 2º T/00 - B

Em 12 de Maio, cerca de 2 centenas de Soldados Recrutados do 2º Turno/2000, Grupo B, efectuaram o Juramento de Bandeira. A cerimónia teve lugar no Largo de S. Jorge e foi presidida pelo Major General Comandante do Campo e da Brigada.

Novas Funções

Chefe do CITOAP

O TCor Inf Carlos Alberto Cavaleiro Fernandes assumiu, em 17 de Fevereiro a Chefia do Centro de Instrução e Treino de Operações de Apoio à Paz.

Comandante do GCC

Em 15 de Março tomou posse do Comando do Grupo de Carros de Combate o TCor Cav José Carlos Filipe Antunes Calçada.

Comandante do BApSvc

Em 10 de Abril tomou posse do Comando do Batalhão de Apoio de Serviços o TenCor Inf Jorge Manuel Ferreira Pereira.



Dia Festivo do RC4

O Regimento de Cavalaria nº 4 comemorou o seu Dia Festivo no passado dia 13 de Março, tendo a Cerimónia Militar sido presidida pelo Director Honorário da Arma de Cavalaria, TGEN Jesus da Silva.



Dia Festivo do Batalhão de Comando e Serviços

Em cerimónia presidida pelo Major General Comandante do Campo e da Brigada, o Batalhão de Comando e Serviços celebrou no dia 29 de Junho o seu dia Festivo.

Exercício Eficácia

De 23 a 25 de Maio decorreu no Campo Militar o Exercício Eficácia, com a participação de quatro BBF do GAC/BMI, GAC/BAI, GAC/BLI e EPA.

Exercício ARCO 001

Realizou-se no período de 2 a 8 de Maio, o Exercício Arco 001, enquadrado no planeamento anual de instrução e treino operacional da Brigada Mecanizada Independente. Foi um exercício planeado, executado e controlado pela Brigada Mecanizada Independente e pelo Centro de Instrução e Treino de Operações de Apoio à Paz, tendo sido trabalhado um tema de Operações de Apoio à Paz.

O exercício terminou com uma sessão de Fogos Reais a que assistiram os Adidos Militares das Embaixadas creditadas em Portugal.

O Curso de Promoção a Capitão das Armas e Serviços e 40 alunos das Escolas Secundárias de Constância e do Tramagal, visitaram o exercício.

Entrega do Estandarte Nacional ao 2º BIMEC / SFOR



Em Cerimónia presidida pelo Vice Chefe de Estado-Maior do Exército, TGEN Garcia Leandro, realizou-se no dia 11 de Julho, no 2º BIMEC, a entrega do Estandarte Nacional ao 2º BIMEC/SFOR com vista ao cumprimento da sua futura missão no teatro de operações da Bósnia-Herzegovina.

MANUEL DOS SANTOS GRAVE, LDA.



Materiais de Construção

Telef./Fax 249 822 205 • T.Móvel 968 028 705
Rua Serpa Pinto, 5, 7 e 11 • 2350 TORRES NOVAS



Dia da BMI e do CMSM

Presidida pelo Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. José Mourato, decorreu em 6 de Abril, a Cerimónia Militar comemorativa do Dia Festivo do Campo Militar de Santa Margarida e do 22º Aniversário da Brigada Mecanizada Independente.

Após a habitual rendição dos Porta Estandarte Nacional e Porta Estandarte da Brigada, o MajGen Comandante proferiu uma alocução e foi lida a mensagem do General Chefe do Estado-Maior do Exército.

No final da Cerimónia foi inaugurada a Exposição sobre actividades ambientais do Campo e procedeu-se à entrega do Prémio Defesa Nacional e Ambiente 98, já com a presença do Secretário de Estado do Ambiente.

Após o almoço-convívio, o Secretário de Estado da Defesa Nacional assinou o Livro de Honra do Campo e da Brigada.



Mensagem de SExa o General Chefe do Estado-Maior do Exército

Não podendo estar presente nas cerimónias do aniversário da Brigada Mecanizada Independente, não quis deixar de transmitir aos militares e civis desse Campo Militar todo o apreço do Comandante do Exército pelo trabalho que vêm desenvolvendo.

O Campo Militar de Santa Margarida foi iniciado numa época em que ao poder político se colocavam dúvidas e incertezas quanto ao rumo a dar às Forças Armadas. Se por um lado, os nossos compromissos internacionais nos obrigavam a levantar uma Grande Unidade convencional - a 3ª Divisão - a situação internacional deixava adivinhar que em África teríamos de enfrentar dificuldades que implicavam um tipo de preparação diferente daquela que se exigia às forças da OTAN. E hoje reconhecido que a experiência adquirida através de inúmeros trabalhos e exercícios de guerra convencional, realizados em Santa Margarida, e os contactos com

outras forças da OTAN constituíram uma base importante da preparação que nos permitiu enfrentar a guerra em África, em três teatros de operações.

Hoje, é frequente ouvir-se, que por não haver ameaças concretas, não é necessário investir nas Forças Armadas e em particular no Exército, já que, inseridos na OTAN e integrando a União Europeia, não se vislumbra nenhuma ameaça maior ao Território Nacional.

O passado recente, se alguma coisa demonstra, é exactamente a imprevisibilidade e fluidez da evolução da situação internacional, mas em matéria de defesa não são permitidos improvisos, já que, em última análise, é a independência nacional que está em questão. Manter a Brigada Mecanizada Independente com um grau aceitável de operacionalidade é uma obrigação que devemos prosseguir, porque estando aquartelada no Campo Militar de Santa Margarida e desfrutando duma situação única em termos de concentração de meios e de espaço para manobrar, permite, com um mínimo de custos, manter um elevado grau de preparação de quadros e

tropas no âmbito das armas combinadas.

A capacidade de fazer a guerra é que nos dá a possibilidade de impor ou restabelecer a paz e a Brigada Mecanizada muito tem contribuído para tal. Sendo a única unidade pesada que o Exército dispõe, é necessário atribuir-lhe os meios materiais indispensáveis à sua manutenção e operação e encontrar formas de atrair os voluntários necessários para operar tais meios.

Num momento em que Portugal volta a ter forças em três teatros de operações, contribuindo directamente para o prestígio da Nação, não podemos perder a escola de armas combinadas que tem sido a Brigada Mecanizada Independente, constituindo-se num verdadeiro laboratório de técnicas e táticas e onde igualmente se desenvolveu o Centro de Instrução e Treino de Operações de Apoio à Paz. Não dispondo o País de muitos recursos é necessário repensar as prioridades de atribuição de meios e investir na modernização do que mais falta faz à defesa nacional e que mais se adequa aos nossos compromissos internacionais e ao suporte da política externa do Estado. Da nossa parte estamos convictos que face aos custos que implica a simples existência da Brigada Mecanizada Independente, serão encontrados os meios para lhe manter o grau de operacionalidade desejado.

O Comandante do Exército manifesta, por tudo isto, aos militares e civis do Campo Militar de Santa Margarida o seu apreço pela forma como têm sabido cumprir a sua missão e como têm disponibilizado meios humanos e materiais para auxiliar o aprontamento de forças de outras unidades, tarefas essas realizadas em simultâneo com o aprontamento das suas próprias subunidades. O esforço acrescido a que os militares estão sujeitos, para além do isolamento geográfico de Santa Margarida, é uma constatação para a qual o Comando do Exército está atento e que, na medida do possível, procurará minimizar.



No entanto, só um elevado sentido do dever, espírito de missão e perfeita noção das responsabilidades tem permitido ao Campo e à sua Brigada dar um excelente contributo para o bom nome do Exército, materializado quer através das suas forças que já destacou para a Bósnia, quer, inclusivamente, na preservação do ambiente, actividade reconhecida pela atribuição do Prémio Defesa Nacional e Ambiente 1998, cuja entrega se faz hoje.

Confiamos que através de uma reflexão tão serena quanto possível se conclua da necessidade de investir no reequipamento do Exército e que seja possível começar a substituir o material da Brigada, que já vai com mais de vinte anos ao serviço do Exército.

Alocução do Major General Comandante

Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional:

As mulheres e os homens que servem Portugal neste Campo Militar sentem-se honrados com a presença de Vossa Excelência e testemunham-lhe o seu reconhecimento por se dignar presidir à comemoração do 22º aniversário da Brigada Mecanizada Independente.

Excelentíssimo Senhor General Vice-Chefe do Estado Maior do Exército - Meu General:

Excelentíssima Senhora Vice-Presidente da Câmara Municipal de Constância:

Excelentíssimos Senhores Oficiais Gerais

Excelentíssimos Convidados:

A Vossas Excelências manifesto toda a nossa gratidão pela vossa presença neste dia de grande significado para todos nós.

Militares e Cívicos do Campo Militar de Santa Margarida:

Em seis de Abril de 1384, em Atoleiros, Nuno Álvares e os seus Soldados, ao vencerem a hoste castelhana, devolveram aos seus concidadãos a esperança na liberdade e na independência e contribuíram decisivamente para a vitória da causa do Mestre de Aviz e de Portugal, que se havia de materializar em Aljubarrota, em Agosto do ano seguinte.

Atoleiros foi um dos marcos da longa caminhada, que desde Ourique, os nossos Soldados percorreram para garantir a perenidade da nossa Pátria. Por isso, os fundadores desta Grande Unidade, o escolheram para o seu dia festivo e Nuno Álvares para seu Patrono.

De encontro às nossas raízes, o nosso primeiro pensamento vai até esse longínquo dia e para os nossos antepassados que com coragem e abnegação combateram em Atoleiros.

Recordamos, também, todos os Militares que desde o início da década de cinquenta serviram o Exército no Campo Militar de Santa Margarida:

— Os que integraram a Divisão Nun'Álvares e que com o seu profissionalismo contribuíram, na época, para a modernização do Exército;

— Os que constituíram Unidades aqui aprontadas e que em África, de 1961 a 1974, cumpriram com dignidade e sacrifício as missões que a Nação lhes determinou;

— E todos os que serviram na Brigada, Mista ou Mecanizada, e que com competência, entusiasmo e muita devoção, constituíram esta Grande Unidade;

São estes Soldados, dos séculos catorze e vinte, que serviram em momentos difíceis, que hoje evocamos com profundo respeito e admiração.

Saibamos ser dignos da sua conduta e, no seu exemplo, reforçar a nossa determinação em prosseguir no cumprimento das nossas missões e ultrapassar todos os obstáculos que se nos depararem, conscientes de que não serão superiores aos por eles vencidos, muitas vezes com sacrifício das suas vidas.

Excelentíssimo Senhor General Vice-Chefe do Estado Maior do Exército - Meu General:

No ano de 1999, a Brigada Mecanizada Independente cumpriu com esforço e determinação todas as missões que lhe foram cometidas, procurando ultrapassar as múltiplas dificuldades decorrentes da escassez de recursos materiais e financeiros que nos afectam e os problemas inerentes ao actual sistema de prestação de serviços por parte dos Praças.

De entre as principais tarefas desenvolvidas são de salientar:

— A missão do 3º Batalhão de Infantaria Motorizada na Bósnia-Herzegovina, durante o primeiro semestre e a conduta competente e disciplinada dos seus Militares, num período que coincidiu com o conflito do Kosovo;

— A execução das actividades de instrução e de treino operacional das nossas Unidades, com destaque para os exercícios dos diferentes escalões, fogos reais, participação em exercícios de âmbito nacional e internacional e para a realização de seminários visando o aperfeiçoamento dos Quadros relativamente às operações convencionais, apoio logístico e operações de apoio à paz;

— O apoio às Unidades do Exército e de outros Ramos que utilizam o Campo Militar para a execução de exercícios, fogos reais e acções de aprontamento para as suas missões no exterior do Território Nacional;

— As acções de recuperação das infra-estruturas mais degradadas e os trabalhos de reforestação deste amplo espaço de 6400 hectares, por forma a preservar o



património, proporcionar melhores condições de vida aos que aqui servem, garantir a operacionalidade dos meios de apoio à instrução e ao treino operacional e aperfeiçoar as condições ambientais.

No cumprimento da missão que nos está atribuída, as principais dificuldades fizeram-se sentir, fundamentalmente, nas áreas do pessoal e da logística.

Relativamente à primeira, salientam-se as preocupações decorrentes da situação sócio-económica dos Militares, a qual é susceptível de afectar o seu moral e a conduta ético-profissional que é inerente à sua "condição militar".

Por outro lado, as carências em Praças e o baixo nível de adesões ao sistema de voluntariado e contrato, dificultam o cumprimento das nossas tarefas e suscitam a necessidade de implementação de medidas que permitam ultrapassar, a curto prazo, a actual situação.

No âmbito logístico, as questões do reequipamento e da manutenção das infra-estruturas e dos materiais orgânicos principais mereceram, também, as nossas preocupações.

De facto, consideramos a indispensabilidade de exercer um esforço de renovação dos equipamentos individuais e de recuperação ou substituição de alguns dos materiais da Brigada, particularmente nos da família M113.

No que concerne à manutenção dos equipamentos, permaneceram as já tradicionais dificuldades em pessoal técnico e na obtenção de sobressalentes. No entanto,



para o corrente ano e através de um grande empenhamento do Comando da Logística, foram disponibilizadas verbas que irão permitir, com o apoio da Direcção dos Serviços de Material, atenuar as principais dificuldades e proceder à revisão de um apreciável conjunto de viaturas mecanizadas.

Estas preocupações são do conhecimento de Vossa Excelência -Meu General- e dos Comandos Funcionais. Se as lembramos, hoje e aqui, é porque, em consciência, sentimos ser esse o nosso dever.

Sentimos que só através de um efectivo aumento do quantitativo de Praças, da recuperação das infra-estruturas mais degradadas, da modernização dos equipamentos e do reforço da capacidade de manutenção, a Brigada pode desenvolver um eficiente treino operacional, manter-se como escola de conhecimentos e responder com prontidão às missões que lhe são cometidas.

O ano de 2000 traz-nos responsabilidades acrescidas pelo facto da Brigada destacar, no início do 2º Semestre, duas

Unidades de escalão Batalhão, uma para a Bósnia e outra para o Kosovo, e de iniciar, no mesmo período, o aprontamento de uma terceira Unidade destinada a entrar em sector, no Kosovo, no princípio de 2001.

Trata-se de um desafio que exigirá de todos nós elevado empenhamento, capacidade de iniciativa e uma efectiva racionalização de recursos, por forma a cumprirmos com eficiência e dignidade as missões no exterior do Território Nacional, continuarmos a desenvolver as tarefas indispensáveis no quadro da instrução e do treino operacional e garantirmos os múltiplos apoios que nos são solicitados pelas Unidades e de outros Ramos.

Meu General Vice-Chefe:

Apesar das preocupações referidas, o Exército pode contar sempre com o entusiasmo e a abnegação de quantos servem neste Campo Militar e o seu total empenhamento no cumprimento das missões e na procura de soluções para o desenvolvimento da capacidade operacional da Brigada.

Senhores antigos Comandantes -Meus Generais:

Em Vossas Excelências reitero as minhas saudações a quantos serviram no Campo e na Brigada.

Tudo faremos para sermos dignos do vosso legado e lutar pela sua preservação e aperfeiçoamento. Continuaremos, como vós, a formar e comandar os nossos Soldados na estrita obediência às virtudes cívicas e militares e na devoção ao Exército.

Militares e Cívicos de Santa Margarida:

Testemunho-vos o meu reconhecimento pela forma dedicada e disciplinada como servis.

Aos Militares que se preparam para cumprir as missões na Bósnia e no Kosovo, exorto ao total empenhamento na instrução, para que nesses teatros de operações possam com eficiência e segurança, continuar a prestigiar o Exército e a honrar a nossa Pátria.

Exercícios Finais do 2º BIMec / SFOR

De 2 a 8 de Junho realizou-se na área do Campo Militar, o exercício final do aprontamento do 2º BIMec/SFOR, com vista à sua futura missão na Bósnia-Herzegovina.

No dia 6 o Chefe do Estado-Maior do Exército, acompanhado pelo Comandante Operacional das Forças Terrestres, efectuou uma visita ao exercício.

Exercícios Finais "Pegasus" do Agr DELTA / KFOR

O Agrupamento DELTA/KFOR realizou o seu exercício final de aprontamento de 19 a 22 de Junho. O exercício decorreu na área do Campo Militar.

Dê a volta ao seu ordenado.



E tenha dinheiro a tempo.



CAIXA Ordenado

O FIM DO MÊS QUANDO VOCÊ PRECISA.
COM MAIS VANTAGENS.

A vida está cheia de pequenos imprevistos. Uma despesa extra e começam as suas preocupações. Será que a sua conta vai fazer a diferença? E ainda falta tempo para o fim do mês... Esses dias de desespero acabam. A CGD tem para si a CAIXAORDENADO, um serviço em que todos os dias podem ser fim do mês. Você dá a volta ao seu ordenado e antecipa-o para quando quiser.

E com inúmeras vantagens. Crédito Pessoal, Planos de Reforma, Protecção Ordenado e Seguros Vários. Adém de este serviço da CGD é muito fácil. Basta dirigir-se a qualquer uma das nossas Agências. Se já é nosso cliente, pode sempre adicionar à sua conta os benefícios da CAIXAORDENADO e não paga nada por isso. É a sua melhor aliada, para quando a vida lhe troca as voltas.

Caixa Geral de Depósitos

Escola Primária do CMSM



Adeus escola.

O mês de junho vai chegar ao fim.
A escola vai encerrar mais meses de trabalho e
agosto.
Os alunos vão de férias para a praia e
para o campo.
Todos merecemos as férias porque já
trabalhámos muito ao longo do ano.
Vamos despedir da escola, da professora e
dos nossos colegas do 4º ano que vão mudar
de escola.

Os alunos da escola do 1º ciclo
Campo Militar



MAQUIABRANTES
REPRESENTAÇÕES, LDA.

Representações de Ferragens
Máquinas Industriais • Produtos de limpeza
Todo o tipo de máquinas de limpeza
Electrodomésticos • Material eléctrico

Telef. 241 361 214
Rua Luís de Camões, 2
2200 ABRANTES



Jardim de Infância do CMSM



JARDIM DE INFÂNCIA D. NUNO ALVARES PEREIRA CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA

Este ano lectivo de 1999/2000 o tema de trabalho foi: A RECICLAGEM.
As crianças sabem que colocam no:

Papelão - Os jornais, papéis, revistas e caixas de cartão.

Vidrio - Garrafas de vidro, copos e vidros partidos.

Conteúdo das latas (metal) - Latas de sumo, cogumelos, feijão, atum, salsichas, ananás, pêssago, etc.

- Garrafas de plástico.

Pilhómetro - Pilhas usadas.

Compostos - Todo o outro lixo, restos de comida, brinquedos estragados, etc.



Educação Física e Desportos

Campeonatos de Orientação

A orientação é uma modalidade com raízes profundas na Instituição Militar. Foi introduzida no País pelos militares e a eles se deve o seu forte desenvolvimento e incremento no meio civil.

Encontrar o melhor trajecto através de um terreno desconhecido, não raras vezes coberto de florestas densas, através de montanhas e mesmo pântanos, com quaisquer condições climáticas, de dia ou de noite, está dentro do âmbito da Orientação.

Para a prática é necessário que o atleta saiba utilizar um mapa da região e uma bússola, que aprenda a escolher os melhores percursos através do terreno que lhe não é familiar, vencendo pequenos obstáculos e distâncias cada vez mais longas.

Desta forma, a orientação resulta numa aplicação prática da topografia, aliada à prática do desporto, com a vantagem adicional de tornar ambas mais interessantes.

I. Campeonato de Orientação / Fase CMSM (I Fase)

O RC4 foi a Unidade do CMSM, a quem foi atribuída a missão de organizar, no período de 07 a 11Fev00, o Campeonato de Orientação do CMSM / Fase Regional 2000.

Para este ano foram utilizadas, nas I e II provas individuais (M/F), cartas de 1/15000 da região da Bemposta, e para a prova de estafeta (M/F), cartas de 1/10000, da região de Caldelas.

Mais uma vez o RC4 criou condições excepcionais para acolher todos os atletas, tendo estes sido recebidos num ambiente acolhedor e amigável, não sendo assim, de estranhar que, durante o Campeonato, se observasse um espírito de leal competição, de franca camaradagem e são convívio.

As classificações individuais e colectivas por escalões foram as seguintes:

Geral Individual - 1º Escalão

- 1º SAJ ALVES da CCS/BMI
- 2º 1SAR NEVES da CCS/BMI
- 3º SOLD SILVEIRA da CCS/BMI

Geral Feminino

- 1º 1ºCB CORREIA do 2ºBIMec
- 2º 2ºFUR SILVA do BApSvç
- 3º 1ºCB PIMENTEL do 2ºBIMec

Classificação por Equipas

- | | |
|------------|------------|
| 1º Escalão | 2º Escalão |
| 1ª CCS/BMI | 1ª RC4 |
| 2ª 1ºBIMec | 2ª CCS/BMI |
| 3ª GAC | |

Estafetas

- | | |
|------------|------------|
| 1º Escalão | 2º Escalão |
| 1ª GAC | 1ª RC4 |
| 2ª 1ºBIMec | 2ª CCS/BMI |
| 3ª RC4 | |

Geral Individual - 2º Escalão

- 1º 1SAR VENANCIO do RC4
- 2º SAJ CANATARIO da CCS/BMI
- 3º SCH MONTEIRO do RC4

Equipas Femininas

- 1ª 2ºBIMec
- 2ª BApSvç

Feminina

- 1ª BApSvç
- 2ª 2ºBIMec

2. Campeonato de Orientação / Fase Exército (II Fase)

Realizou-se, de 03 a 07Abr00, no CTAT (ETAT), o Campeonato de Orientação / Fase Exército 2000, com a participação de todas as RM, ZM, CTAT e GML.

O CMSM participou com uma equipa representativa, constituída pelos atletas que mais se notabilizaram no campeonato da modalidade na I Fase e nos treinos de preparação.

A ETAT organizou este campeonato sem falhas técnicas, tendo as provas decorrido na região de Carregueira e na região de Bemposta.

Os resultados da equipa representativa do CMSM foram excelentes, notabilizando-se de forma muito mais acentuada se tivermos em atenção que o índice técnico desta prova, este ano, foi muito elevado.

As classificações obtidas pela equipa do CMSM foram as seguintes:

I Escalão Masculino: 3º Lugar

II Escalão Masculino: 3º Lugar

Escalão Feminino: 3º Lugar

Estafeta Masculino: 3º Lugar

Estafeta Feminino: 2º Lugar

Campeonatos de Pentatlo Militar

I. Campeonato de Pentatlo Militar / Fase CMSM (Fase Regional)

Organizado pelo BApSvç, realizou-se no período de 20 a 24Mar00, o Campeonato de Pentatlo Militar do CMSM (Fase Regional).

O programa do Campeonato foi elaborado em conformidade com o Regulamento Geral dos Campeonatos Desportivos Militares.

É de realçar o empenho e a dedicação colocados na organização, tendo tal se reflectido no nível técnico da prova. Contudo o número de graduados participantes não foi o desejado, eventualmente devido ao aprontamento das FND destacadas ao TO da BiH e do KOSOVO.

A classificação final do Campeonato ficou estabelecida da seguinte forma:

GERAL INDIVIDUAL

- 1º SOLD FERNANDES do 2ºBIMec
- 2º SOLD VIVEIROS do 2ºBIMec
- 3º 1SAR MAGALHÃES do 1ºBIMec

COLECTIVA

- 1º 2ºBIMec
- 2º 1ºBIMec
- 3º GAC

2. Campeonato de Pentatlo Militar / Fase Exército

Realizou-se no período de 26 a 30Jun00, no RI3 - BEJA, o Campeonato de Pentatlo Militar / Fase Exército.

Estiveram presentes as RM, as ZM e o GML, fazendo-se o CMSM representar por uma equipa constituída a partir dos elementos melhores classificados no Campeonato Regional. Esteve igualmente presente uma equipa da PSP que participou no torneio aberto.

O nível técnico deste Campeonato foi muito elevado. A tal não foi alheio o facto de nesse Campeonato se proceder à selecção dos elementos para constituírem a equipa que irá representar Portugal no próximo CISM, na Dinamarca.

A equipa representativa do CMSM obteve um excelente 3º Lugar, tendo um dos seus elementos sido nomeado para integrar o estágio da equipa que estará presente na Dinamarca.

Campeonato de Tiro Desportivo / Fase Exército

Decorreu, no período de 15 a 19Mai00, na Escola Prática de Infantaria, o Campeonato de Tiro Desportivo - Fase Exército 2000.

A organização do Campeonato fez com que o Campeonato decorresse de uma forma correcta.

Participaram no Campeonato as RM, ZM, o GML e a BAI. O CMSM, participou com uma equipa representativa, tendo esta evidenciado um elevado nível técnico.

Durante todo o campeonato assistiu-se ao fortalecimento de laços de camaradagem e de amizade que contribuíram de forma decisiva, para os excelentes resultados obtidos.

A equipa do CMSM, evidenciando um grande querer, uma grande dedicação e um elevado espírito de camaradagem e de entreajuda, obteve as seguintes classificações:

PISTOLA

3º Lugar - Precisão/Duelo (Masculino)

3º Lugar - Precisão/Duelo (Feminino)

4º Lugar - Velocidade Militar (Masculino)

ESPIGARDA

1º Lugar - 60 Tiros/Deitado (Feminino)

2º Lugar - UIT (Feminino)

4º Lugar - Velocidade Militar (Masculino)

Estafeta D. Nuno Álvares Pereira

A Estafeta D. Nuno Álvares Pereira realizou-se no dia 04 de Abril de 2000, enquadrando-se nas comemorações dos vinte e dois anos da Brigada Mecanizada Independente.

Este evento desportivo realiza-se anualmente e teve a sua origem em 1981, por determinação do então Brigadeiro Comandante do CIMS e da 1ª BMI.

O percurso utilizado na prova encontra-se compreendido entre Atoleiros e Santa Margarida, numa extensão total de 90km e articulado em parcelas com distâncias que variam entre os 3,5km e os 6km.

Interrogar-se-ão, com certeza, porque é que se inicia em Atoleiros?

A BMI é herdeira da 3ª Divisão, que foi a Unidade criada em 1953 para satisfazer os nossos compromissos com a OTAN.

O CMSM, construído em 1952, destinou-se a aquartelar essa Divisão e a proporcionar-lhes terrenos para exercícios.



O patrono dessa Divisão, figura histórica que constitui exemplo e símbolo de virtudes militares que devem caracterizar qualquer Unidade, era o Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

D. Nuno notabilizou-se na Batalha dos Atoleiros já que, com um Exército numericamente inferior ao espanhol, adaptou um dispositivo tático que lhe permitiu anular todas as vantagens do impeto da Cavalaria inimiga.

Com a criação da 1ª BMI, em 1978, pensou-se então que, como herdeiros que somos da 3ª Divisão, deveríamos conservar o mesmo patrono.

Esta retumbante vitória em Atoleiros, sobre as forças Castelhanas, teve as virtudes de levantar extraordinariamente, o ânimo dos bisonhos combatentes portugueses, fazer crescer de prestígio o seu valoroso chefe e a insolente confiança de Castela no poder da sua Cavalaria e na superioridade das suas tropas.

Dai que para nós, militares da BMI, Atoleiros e D. Nuno, revelam-se como um exemplo a nunca esquecer.

Participaram na prova Estafeta D. Nuno 2000, todas as Unidades do CMSM/BMI e a Região Militar Norte.

A classificação final na prova das 3 primeiras equipas foi a seguinte:

1º Lugar - 2ª BIMec - 05h56'14"

2º Lugar - RMN - 06h04'14"

3º Lugar - 1ª BIMec - 06h07'08"

Preocupe-se com o seu bem-estar...

Panasonic
Ar Condicionado



JERÓNIMOS
CLIMA

tem as melhores soluções em climatização.

AR CONDICIONADO

As melhores marcas • Os melhores preços
Pessoal técnico especializado

JERÓNIMOS
CLIMA

- Sociedade de Climatização, Lda.

Telefs. 249 720 075 / 249 720 070 • Fax 249 720 071
Zona Industrial do Entroncamento, Lote I-9
2330 ENTRONCAMENTO

CUIDAMOS DO AR
QUE VOCÊ
RESPIRA



Grande Prémio Avenida D. Nuno Álvares Pereira

Realizaram-se em 27Jan00 e 20Abr00, respectivamente, as XXIV e XXV Provas da Avenida.

Prova de Atletismo já histórica no CMSM, representa para todos os militares das diversas Unidades do Campo, uma oportunidade única de desenvolverem o espírito de corpo, a camaradagem e o convívio, sem nunca esquecerem, de igual modo, a prática do desporto.

Esta prova remonta a 1994 mantendo-se o seu percurso e a sua extensão inalteráveis. O seu percurso é definido pela bonita Avenida Nuno Álvares Pereira, numa extensão total de 2392m, em que a partida é delimitada pelo poste de electricidade que se situa entre os edifícios do Pel PE e o da Caixa Geral de Depósitos, e a chegada é materializada no terreno, pela primeira linha de paralelos (no sentido PE-Igreja) em frente do Hangar do GCC.

Uma vez mais verificou-se uma participação salutar de todas as Unidades do CMSM empenhando, estas, quase a totalidade dos seus efectivos, independentemente da hierarquia ou escalão etário.

XXIV Prova da Avenida

A Unidade vencedora desta edição foi o BApSvç, uma vez que somou um maior número de pontos, com os atletas classificados nos 5 (cinco) primeiros lugares dos vários escalões.

Classificação Geral Individual

1. SAR FREIRE - CEng
2. CADJ MATOS - BCS
3. SAR NEVES - BAAA
4. SOLD BARBOSA - RC4
5. CAP CALDEIRA - 1ºBIMec

Classificações Individuais

Classificação Escalão Feminino A

1. 2FUR CALDAS - BApSvç
2. SOLD VARELA - 2ºBIMec
3. 1PIMENTEL - 2ºBIMec
4. 2CAB GOMES - CTm
5. 1CAB RODRIGUES - 1ºBIMec

Classificação Escalão Feminino B

1. SAR SANTOS - BApSvç
2. SAR MORAIS - CTm
3. SAR LUCAS - RC4

Classificação Escalão Masculino A

1. CADJ MATOS - BCS
2. SOLD BARBOSA - RC4
3. 1CAB ROQUE - GAC
4. SOLD SILVEIRA - CCS/BMI
5. TEN ALVES - ERec

Classificação Escalão Masculino B

1. SAR FREIRE - CEng
2. CAP CALDEIRA - 1ºBIMec
3. SAR NEVES - BAAA
4. SOLD AMBROSIO - BApSvç
5. TEN LEITÃO - 1ºBIMec

Classificação Escalão Masculino C

1. SCH MONTEIRO - RC4
2. CAP PINTO - BApSvç
3. CAP DOMINGOS - RC4
4. MAJ ANTUNES - 1ºBIMec

Classificação Escalão Masculino D

1. MAJ SANTOS - BApSvç
2. MAJ BAPTISTA - BApSvç

XXV Prova da Avenida

A Unidade vencedora desta edição foi o 1ºBIMec.

Classificação Geral Individual

1. SOLD NUNES - 1ºBIMec
2. SOLD PEDRA - CEng
3. CADJ MATOS - BCS
4. 1CB ROQUE - GAC
5. SOLD MARQUES - RC4

Classificações Individuais

Classificação Escalão Feminino A

1. 1SARG RAGAJELES - BAAA
2. 2CB COSTA - 1ºBIMec
3. 2CB GOMES - CTm
4. 2SARG SOARES - GAC
5. SOLD FIGUEIREDO - CEng

Classificação Escalão Feminino B

1. 1SARG PEREIRA - BApSvç

Classificação Escalão Masculino A

1. SOLD NUNES - 1ºBIMec
2. SOLD PEDRA - CEng
3. 1CB ROQUE - GAC
4. SOLD MARQUES - RC4
5. SOLD SILVA - 1ºBIMec

Classificação Escalão Masculino B

1. CADJ MATOS - BCS
2. CAP CALDEIRA - 1ºBIMec
3. TEN LEITÃO - 1ºBIMec
4. 1SARG MAGALHÃES - 1ºBIMec
5. 1SARG FERNANDES - 1ºBIMec

Classificação Escalão Masculino C

1. MAJ ANTUNES - 1ºBIMec
2. TCDR MENEZES - 1ºBIMec
3. CAP FERREIRA - 1ºBIMec
4. SCH COSTA - 1ºBIMec
5. SAJ COELHO - RC4

Classificação Escalão Masculino D

1. MAJ BAPTISTA - BApSvç
2. TCDR FERREIRA - CCS/BMI

Atleta do Semestre

Inicia-se, neste número da revista *Atoleiros*, um novo espaço que tem como objectivos os seguintes:

1. Incentivar à prática desportiva;
2. Homenagear todos os atletas, vencedores e não vencedores, participantes em actividades desportivas no CMSM;
3. Homenagear o atleta que mais se evidenciou no Semestre a que se refere a revista.

Deste modo, de uma forma singela mas honrosa, pretende-se homenagear a(s) atleta(s) que mais elevou a bom nome do CMSM.

Nunca poderemos esquecer, contudo, todos aqueles que, prova após prova, com esforço, muita querer e dedicação também dignificaram as equipas representativas do CMSM.

Para o 1º semestre de 2000 foi eleito o
1º CB ROQUE do GAC



Nome: **Elísio João Esteves Lopes**
Roque

Posto: 1º CAB

NIM: 17960198

Unidade: GAC

Especialidade: Topografia

Data de Nascimento: 05NOV80

Natural de Lourical do Campo,
Canelho de Castelo Branco

Incorporado na EPA (Vendas Novas)
em 06/JUL98

Colocado na GAC em 06/OUT98

RESULTADOS OBTIDOS:

1. Campeonato de Orientação / Fase CMSM
 - a. 1º Escalão - 8º Classificado
 - b. Estafeta Militar - 1º Lugar, integrando a equipa do GAC
2. Campeonato de Orientação / Fase Exército
 - a. 1º Escalão - 8º LUGAR
 - b. Estafeta Militar - 2º Lugar, integrando a equipa do CMSM

NOTA - o militar foi seleccionado para a equipa do Exército de Orientação

3. Campeonato de Pentatlo Militar / Fase CMSM: 5º LUGAR
4. Campeonato de Pentatlo Militar / Fase Exército
 - a. Classificação Individual: 8º LUGAR
 - b. Classificação Colectiva: 3º LUGAR

NOTA - O militar foi seleccionado para integrar a estódo da equipa que representará PORTUGAL nos Campeonatos do Mundo da modalidade.

5. XXV Prova da Avenida
Escalão Masculino A: 4º Classificado
6. XXVI Prova da Avenida
Escalão Masculino A: 3º Classificado



DOSSIER

Iniciamos, neste número, e esperamos que se prolongue por mais dois ou três números desta revista, um Dossier sobre a questão candente do reequipamento do Exército, que naturalmente iremos analisar na vertente da BMI, sendo no entanto algumas questões transversais e dizendo portanto respeito a todo o Exército.

Mas, repetimos, estamos a pensar na BMI, nomeadamente na questão de viaturas blindadas e de carros de combate.

Esperamos contribuir.

1.

INTRODUÇÃO

A modernização dos equipamentos é um permanente desafio para qualquer organização militar tendo em vista, fundamentalmente, responder à evolução das características do campo de batalha, aos desenvolvimentos tecnológicos e ao cumprimento de novas missões.

No entanto, o crescente custo dos modernos sistemas de armas e as naturais condicionantes a que estão sujeitas as Forças Armadas dos países de menores recursos, determinam grande ponderação na aquisição ou modernização dos equipamentos e uma forte subordinação a um conjunto de factores de que se destacam, as missões a executar e as características dos Teatros de Operações onde as mesmas poderão ocorrer e as exigências de interoperabilidade com os materiais que equipam as Forças Internacionais com quem nos integramos.

A modernização dos materiais da BMI e, particularmente, dos seus Batalhões de Infantaria Mecanizada deverá, obviamente, obedecer a estes pressupostos.

Nesta breve reflexão sobre o reequipamento da BMI pretende-se, essencialmente, informar e sensibilizar para a situação dos equipamentos principais da Brigada, com destaque para os da família dos M113.

Referir-nos-emos à criação e evolução da BMI e ao esforço feito pelo Exército no seu aprontamento, caracterizamos a situação dos seus materiais orgânicos principais com relevo para os que equipam os BIMec, salientamos a necessidade de um esforço no equipamento individual do combatente e apresentamos algumas conclusões/reflexões.

2.

CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA BMI

A adesão de Portugal à NATO, no início da década de 50, marca toda a vida militar até 1961 como um período extremamente rico para o Exército e uma verda-

deira revolução das mentalidades, dos equipamentos, da táctica, da formação dos quadros, da organização superior do Exército e das orgânicas das unidades.

É desta época a constituição do Campo Militar de Santa Margarida (1952), a organização da Divisão de Infantaria Nun'Álvares, as primeiras grandes manobras militares (1953) e a introdução em Portugal dos primeiros equipamentos de origem americana nos quais se incluíam materiais de artilharia, de transporte, sanitário, de transmissões, de engenharia (Pontes), Carros de Combate e viaturas várias.

A criação da "Escola de Santa Margarida" marcou um claro aperfeiçoamento na profissionalização dos quadros, determinou uma nova aprendizagem da realidade e foi marcante para a evolução verificada e para as missões que a partir daí o Exército viria a ser chamado a desempenhar em África.

A guerra de África, contudo, altera a partir de 1961 e de uma forma radical a tipologia do conflito.

A Divisão Nun'Álvares é progressivamente desarticulada e as unidades que a constituíam reorganizadas e desviadas para África. As instalações do Campo Militar de Santa Margarida passam a servir para o Aperfeiçoamento Operacional (IAO) que antecedia o embarque e o esforço de nivelamento com os restantes exércitos é abandonado.

O ciclo iniciado em 1961 só terminaria em 1974 com a instauração da democracia. A criação da 1ª BMI, em 1976, marca o retorno à Aliança garantindo uma participação credível, eficaz e profissional. Ressurge a "Escola de Santa Margarida" como ponto de partida para a renovação dos conceitos técnicos e táticos.

Ao abrigo da ajuda americana, começam a chegar os primeiros materiais para equipar a 1ª BMI, atingindo-se no final da década de 80 um efectivo, em material e pessoal, que permitia o seu emprego como unidade constituída.

Com um efectivo de cerca de 4800 homens e constituindo a principal base do Sistema de Forças do Exército, a 1ª BMI apresenta como materiais principais os meios blindados e motorizados para as unidades de manobra e de reconhecimento (sendo de destacar a VBTP M113 e o Carro de Combate M48A5), como principais armas Anti-Carro o Sistema Lança Mísseis TOW (versão VBTP e Willys M232 e M236), um sistema de apoio de fogos de mobilidade mista (1 bateria de artilharia autopropulsada equipada com a viatura M109, e as restantes equipada com obus 10,5 rebocado) e como principais meios de apoio de combate da Engenharia a Viatura Blindada Lança

Pontes (VBLP) e a ponte de apoios flutuantes Ribbon classe 60. O sistema de comando e controlo é apetrechado de equipamentos teletipo e multicanal que conferem uma apreciável capacidade C3I.

Estávamos então em plena Guerra Fria.

A queda do muro de Berlim em 1989 e os acontecimentos que se seguiram viriam novamente a consubstanciar uma alteração fundamental do ambiente estratégico. O desaparecimento do mundo bipolar torna as ameaças multidireccionais, imprevisíveis e polifacetadas, surgem as "Task Force" e a gestão das crises ganha significado, a diplomacia assume o papel principal e a NATO procura a sua justificação em novos equilíbrios. Crescem as exigências de flexibilidade das forças para atribuição e emprego múltiplos, integrados ou não em conjuntos multinacionais, afirma-se o princípio de "menos forças, melhores forças", as Forças Armadas assumem o seu papel principal de apoio à política externa dos Estados.

A celebração do acordo sobre a limitação dos armamentos convencionais na Europa (Tratado CFE) e a entrega a Portugal de equipamentos que por "efeito de cascata" nos couberam por redução das Forças no centro da Europa justificou a opção assumida pelo General CEME de completar a mecanização da 1ª BMI. Em Março de 1994 a 1ª BMI altera a sua designação passando a chamar-se Brigada Mecanizada Independente (BMI).

Na base desta mudança está a mecanização de um segundo Batalhão de Infantaria com VBTP M113, a substituição dos Carros de Combate M48A5 pelo CC M60A3TTS, a completa mecanização da Companhia de Engenharia, a transformação do Grupo de Artilharia de Campanha numa unidade completamente autopropulsada e a criação da Bateria de Defesa Antiaérea equipada com o sistema antiaéreo Chaparral.

O Campo de Instrução Militar de Santa Margarida retoma a sua vocação de "escola de armas combinadas", assumindo adicionalmente, através da BMI, a missão de unidade organizadora de determinados componentes para o emprego em missões externas de apoio à paz.

A directiva para o ano de 1996 do General CEME, expressa a necessidade do Exército garantir o cumprimento das novas missões no âmbito das operações de apoio à paz. Entretanto, como vai o equipamento da BMI?

3

CARACTERIZAÇÃO / SITUAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PRINCIPAIS DA BMI

Constituindo um todo coerente servido por um corpo doutrinário consistente com os meios disponíveis, a BMI estava equipada nas suas diversas vertentes de manobra, apoio de combate e apoio de serviços com equipamentos blindados/mecanizados capazes de cumprir um conceito de emprego convencional correspondente a uma Brigada Mecanizada Independente.

No entanto o processo de mecanização completa da BMI ainda não está terminado e continua a verificar-se a chegada de novos materiais ainda em falta orgânica entre os quais estão em recepção viaturas M577 (Viaturas Posto de Comando - chegaram 10 em 1999, faltam 3), M578 (Viaturas Blindadas de Recuperação Ligeiras - recebidas 6 em 1999 espera-se a entrega das restantes 12 no decurso de 2000) e Sistemas Chaparral (recebemos em 1999 mais 8 que completaram o QO da BAAA (Total 12)) existindo notícias de que está para breve a recepção dos obuses 155 AP em falta, para a mecanização completa do Grupo de Artilharia de Campanha (12 obuses). Está ainda prevista a recepção de Viaturas de Combate de Engenharia (VCE), para completar a mecanização da Companhia de Engenharia da BMI.

Integrado neste processo, também ele de reequipamento, inclui-se a modernização de 63 Carros de Combate M60A3TTS (recebidos no âmbito do Tratado CFE para substituição dos M48A5), tendo em vista a actualização do seu sistema de tiro por forma a garantir uma elevada probabilidade de sucesso ao primeiro tiro em movimento (de 90% sobre um alvo estacionário e de 80% sobre um alvo também em deslocamento). É um projecto de elevada responsabilidade e empenhamento nacionais, que se encontra em fase de finalização e que envolve verbas da ordem dos 6 milhões de contos. Realizam-se em Março, no Campo Militar de Santa Margarida os últimos testes de confirmação, antes do processo de "upgrade" que será iniciado imediatamente após.

E a Infantaria ?

Os dois Batalhões de Infantaria Mecanizada existentes

têm como viatura principal o M113 nas suas diferentes versões, Transporte de Pessoal (M113) Morteiros Médios (M125), Morteiros Pesados (M106), Posto de Comando (M577), TOW (M113A2), de recuperação ligeiras (M578), num total de 368 viaturas em QO da BMI, para 333 existentes de facto na BMI das quais, operacionais, ou melhor, em operação, 120, cerca de 34%.

É certo que grande parte das viaturas já foram entregues a Portugal com bastantes anos de utilização e também é verdade que a maior parte delas tem já cerca de 20 anos ao serviço do Exército Português, o que poderia levar a que, numa análise rápida do porquê da inoperacionalidade de tão elevado número de viaturas (66%), caíssemos na tentação de considerar que este é o factor determinante. Não negamos a sua importância mas seria demasiado simplista ficarmos-nos por aqui.

Sem nos alongarmos demasiado em questões de pormenor interessa dizer que a maior parte das razões de inoperacionalidade resultam de problemas nos trens de potência e trilhos. Mas se quisermos dar um passo em frente é necessário reconhecer as nossas próprias insuficiências no âmbito da manutenção.

Em relação às necessidades de técnicos de manutenção consideradas nos QO de referência para este tipo de unidade é desde logo imposta uma limitação pelos encargos operacionais que reduzem para 70 % os efectivos globais, o que representa um total de 465 homens entre Oficiais, Sargentos e Praças dos quais só existem 254 para toda a Brigada (38% dos Quadros Orgânicos de Pessoal). Em simultâneo somos forçados ainda a realçar a limitada preparação do pessoal do SEN que se inclui nestes números.

A falta de especialistas é agravada pela falta de sobressalentes. A título de exemplo posso referir que temos requisitados para os M113, 16.000 elementos de lagarta, 3.800 almofadas de trilho, 400 rodas de apoio e 500 amortecedores que aguardam fornecimento sem qualquer perspectiva da data em que poderão ser satisfeitos. Por intercessão do TenGen QMG recebemos

recentemente 1440 elementos de lagarta que, apesar de não satisfazerem completamente as nossas necessidades, ilustra o interesse do Comando da Logística e em simultâneo, as dificuldades sentidas no canal de reabastecimento. Os maiores problemas residem na falta de elementos de lagarta, rodas de apoio, rodas motoras, amortecedores, barras de torção e alguns componentes dos trens de potência, nomeadamente motores de arranque. Estamos obviamente a falar do canal de reabastecimento NATO.

No canal de reabastecimentos nacional a situação repete-se, os 10.000 contos disponibilizados são muito insuficientes, necessitaríamos no mínimo de mais 15.000 para manter o equilíbrio.

Neste quadro de referência é por demais sabido que a necessidade de operar as viaturas no limiar das suas capacidades mecânicas vem acelerar a sua inoperacionalidade fazendo elevar desnecessariamente o escalão de manutenção necessário à sua recuperação. De um ponto de vista pragmático podemos dizer que a eventual poupança obtida pela não aquisição de sobressalentes e pela inexistência de especialistas é paga, e com muitos juros, na recuperação de avarias agravadas.

Da nossa experiência como unidade mecanizada ressalta a necessidade crítica de uma forte componente de manutenção para garantir a operacionalidade dos equipamentos e, em particular, das viaturas.

Temos contudo que continuar a considerar a utilidade e a utilização dos M113 nos actuais cenários. A avaliar pelo que vemos diariamente nas televisões, as viaturas desta família estão presentes em todos os Teatros de Operações em que participamos, o que parece atestar da sua adequabilidade às necessidades da missão. É constatação mais ou menos evidente que as características que as recomendam para o efeito residem na protecção blindada, capacidade todo o terreno, potencial de fogo e capacidade de transporte que flexibilizam o seu emprego e aconselham a sua utilização. Prevê-se que estas características continuem a ser um requisito fundamental no futuro próximo.

É óbvio que a utilização das presentes viaturas M113 de forma eficiente obriga a melhorias em todas estas áreas nomeadamente:

- No reforço da blindagem para que resista a impactos directos de munições 12.7 tal como é apontado num estudo recente da Comissão da Arma de Infantaria;
- No reforço do calibre, precisão e velocidade de tiro do armamento principal da viatura;
- Na construção de uma protecção blindada para o apontador da arma de bordo;
- Na capacidade para o lançamento de granadas de fumos ou outras.

Coloca-se então a seguinte questão: Qual o destino a dar a estas viaturas? Que utilidade no actual ambiente operacional? Será possível utilizá-las em benefício das Forças Nacionais Destacadas ou teremos que as considerar obsoletas e sem qualquer hipótese de recuperação? Em que medida é que a indústria nacional está em condições de garantir uma resposta adequada às nossas limitações? Será possível incorporar a sua participação em algum dos nossos projectos e necessidades?

A aquisição de novas viaturas, mais adaptadas às situações vividas no presente, surge como uma hipótese fundamental na equação custo-eficácia face aos custos de modernização dos M113. Nesse sentido têm sido conduzidos estudos de grande interesse e relevância e aguarda-se com interesse e expectativa a continuação e aprofundamento das conclusões entretanto obtidas.

Dito isto, e porque é do reequipamento que falamos e ele não se resume à questão das viaturas gostava de relembrar mais um aspecto - o das comunicações - que, talvez por sentirmos de forma particular, dados os meios e as distâncias a que operamos, nos parece ser de salientar.

A maioria dos rádios existentes na BMI pertencem à família AN-VRC 12, de origem americana, a variedade é enorme (AN VRC 46 e 48, AN GRC 160, PRC 77, RT 524) e os seus problemas são cada vez mais difíceis de resolver.

Os componentes estão velhos e enfraquecidos e as avarias são permanentes, a falta de potência e os desvios de frequência impedem uma comunicação eficaz. O canal de reabastecimento de sobressalentes está esgotado porque os EUA que já substituíram estes equipamentos deixaram de os fabricar. Não existem no mercado baterias para os rádios portáteis AN-GRC 160 e PRC77. Aguardamos, com esperança, a iniciativa de os substituir progressivamente por rádios portugueses que esteve na base do fornecimento à BMI de rádios da série 425, nunca completada porque se descontinuou a sua produção em benefício de um novo produto da série 525. Neste momento dispomos de grande variedade de rádios que dificilmente comunicam entre si e não garantem condições para um exercício eficaz do Comando e Controlo.

Finalmente subsistem ainda os problemas relacionados com a eventual substituição do armamento individual (Espingardas automáticas G-3 e Pistola). O assunto foi já por demais debatido e num caso ou noutro saltou mesmo para as páginas dos jornais. Para além da necessária actualização é importante referir que mesmo para o cumprimento das missões das FND, face à criação de mais um Teatro de Operações, já não existem as armas que as deveriam equipar em quantidade suficiente para fornecer.

4.

O COMBATENTE

Temos que referir um último aspecto que está, apesar disso, no centro das nossas preocupações, falo evidentemente do combatente.

O equipamento individual há muito que deixou de preencher a sua função por inadequado. Os suspensórios além de incómodos, não servem para o fim a que foram destinados. A qualidade dos cinturões deixa muito a desejar, estragando-se com grande facilidade. A maior parte destes equipamentos, especialmente os cinturões estão incapazes e não existem para fornecimento no canal de reabastecimento. A necessidade fica amplamente demonstrada pela necessidade permanente de equipar as FND com novos tipos de equipamento.

O fardamento em vigor também não preenche as necessidades actuais e a sua qualidade carece de melhoramento. A passagem ao regime de voluntariado e contrato vai obrigar a rever esta questão, para não perdermos a economia que poderá resultar do seu fabrico em quantidade em lugar de efectuar encomendas periódicas e parcelares. Neste momento

nem sequer é possível dar cumprimento às directivas superiores de equipar as forças destinadas às FOP com camuflado.

E já que mencionámos os RV/RC, o que dizer das instalações. A necessidade de garantir condições para manter militares profissionais nas fileiras por períodos que poderão ir até aos 8 anos desaconselham o modelo de casernas existentes. Preconizamos compartimentos de capacidade máxima para uma equipa ou unidade elementar, com instalações sanitárias de dimensões menores mas mais adequadas e funcionais nas novas condições. Os conceitos que presidem à construção de instalações para RV/RC terão que ser revistos, os bares e messes deverão ser mais cómodos e funcionais, as salas de praças terão que ser modificadas, haverá necessidade de construir instalações para lazer e ocupação de tempos livres, atraentes e adequadas a pessoal com maior preparação e por isso mesmo, naturalmente mais exigentes.

Sem isso a cativação de voluntários será difícil ou impossível e a construção de um exército profissional um objectivo irrealizável.

5.

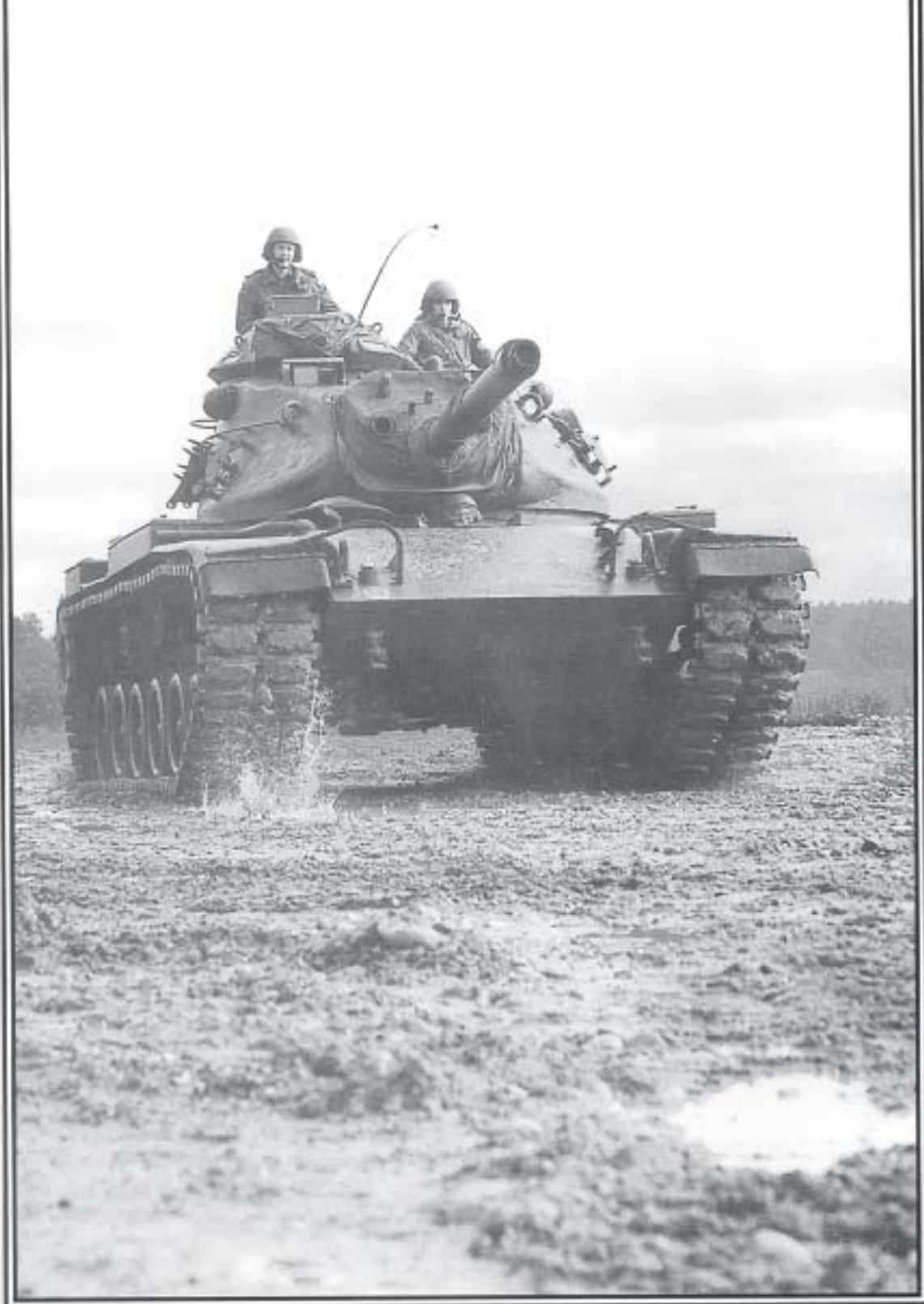
CONCLUSÕES

Quando se fala de reequipamento temos que avaliar e contemplar a actualização dos meios face à evolução dos cenários de emprego, trata-se de uma tarefa complexa e árdua dada a dificuldade em definir com precisão os cenários do futuro e o possível empenhamento nacional noutros Teatros de Operações, nomeadamente nos que decorrem naturalmente do nosso passado histórico.

Em qualquer cenário, contudo, a questão do binómio homem vs material continua a dominar as nossas preocupações. A adequação do militar às funções a desempenhar e ao equipamento que irá utilizar através de um processo de formação coerente e eficaz é fundamental mas é igualmente importante a adaptação do equipamento às novas necessidades. Nestes aspectos há que vencer a distância que nos separa de outros exército em termos de equipamento individual e de fardamento, armamento individual e condições de vida das tropas como um contributo essencial à transição para o regime de voluntariado e contrato.

Especificamente sobre as viaturas, já que a discussão sobre o reequipamento nos parece centrar-se em grande medida neste aspecto, qualquer que seja o resultado dos estudos em curso, queremos contribuir para eles com a nossa experiência e com a nossa convicção que o problema de actualização dos modelos e tipos de viaturas em utilização no exército passa pela integração das necessidades logísticas para a sua operação e manutenção, pela existência de especialistas de manutenção, tecnicamente qualificados, em número conveniente, pela existência de stocks de sobressalentes em quantidade e variedade suficientes para garantir uma operação ininterrupta e de canais de reabastecimento oleados e eficientes.

Depois de dotar as unidades com materiais blindados sejam eles de rodas ou de lagartas não podemos regatear nas necessidades de manutenção sem correr o risco de reviver situação idêntica à actual, a curto ou a médio prazo, com os inerentes custos, agravados agora por uma gestão dos sobressalentes ainda mais complexa e difícil.



•

Trabalho elaborado pelo Comando e EM da BMI
e destinado à Reunião da Arma de Infantaria
que teve lugar em 28/29ABR2000 no QG/BLI, em Coimbra.

•